

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO SOCIOECONÔMICO**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**BRUNA PETER ROSA**

**ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS DE  
BASE TECNOLÓGICA DO POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE  
FLORIANÓPOLIS**

**FLORIANÓPOLIS**  
**2021**

BRUNA PETER ROSA

**ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS DE  
BASE TECNOLÓGICA DO PÓLO TECNOLÓGICO DA GRANDE  
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Relações Internacionais do Centro Socioeconômico,  
da Universidade Federal de Santa Catarina como  
requisito para a obtenção do título de Bacharel em  
Relações Internacionais.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Costa Leite.

FLORIANÓPOLIS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Bruna Peter

ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE  
EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA DO POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE  
FLORIANÓPOLIS / Bruna Peter Rosa ; orientador, Iara Costa  
Leite, 2021.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sôcio  
Econômico, Graduação em Relações Internacionais,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Internacionalização. 3.  
Polo Tecnológico da Grande Florianópolis. 4. Empresas de  
Base Tecnológica. I. Costa Leite, Iara. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações  
Internacionais. III. Título.

BRUNA PETER ROSA

**ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS DE  
BASE TECNOLÓGICA DO PÓLO TECNOLÓGICO DA GRANDE  
FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis, 20 de setembro de 2021.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela  
banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.<sup>a</sup> Iara Costa Leite, Dr.<sup>a</sup> (Orientadora)  
CNM/UFSC

Prof. Fernando Seabra, Dr.  
CNM/UFSC

Ana Junqueira Pessoa  
Psoas Global Business Development

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de  
Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora.



Documento assinado digitalmente

Iara Costa Leite

Data: 20/09/2021 14:54:28-0300

CPF: 044.401.566-30

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Iara Costa Leite, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora

Florianópolis, 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico meus agradecimentos à UFSC: universidade pública, gratuita e de qualidade, que me proporcionou as mais diversas oportunidades em ensino, pesquisa e extensão. Através da minha participação em atividades como empresa júnior, eventos acadêmicos e mobilidade internacional, pude desenvolver habilidades para adentrar o mercado de trabalho e me formar como uma cidadã ativa na sociedade. Também pude fazer amigos de diferentes partes do Brasil e do mundo, que tornaram minha jornada ainda mais proveitosa.

Gostaria de agradecer a minha família, por sempre acreditar em mim e proporcionar toda base material e emocional para que eu pudesse levar a graduação com tranquilidade e ser bem sucedida nessa empreitada. Destaco a figura do meu pai, funcionário do Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (CIASC) há mais de 40 anos, por ter me inspirado quanto à temática do presente trabalho e ter me introduzido ao setor de tecnologia florianopolitano quando eu ainda era uma criança.

Por fim, agradeço a minha orientadora, professora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lara Costa Leite e aos membros do grupo de pesquisa Relações Internacionais, e Ciência, Tecnologia e Inovação (RICTI) pelo apoio durante toda a elaboração do projeto e execução do trabalho que se segue.

We are in fact being called upon to construct our utopias, not merely to dream about them. Something will be constructed. If we do not participate in the construction, others will determine it for us. (WALLERSTEIN, 1996)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo sistematizar e analisar as principais características dos estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica que fazem parte do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis. Buscou-se alcançar esse objetivo pela contextualização das principais teorias de internacionalização de empresas e da trajetória de formação do Polo Tecnológico e seus atores, para então se proceder ao efetivo mapeamento dos estudos e sua posterior análise. O levantamento bibliométrico realizado destaca estudos advindos da área de Administração e Relações Internacionais de cursos de graduação e pós graduação da UFSC, da UDESC, da Unisul, da Univali e da PUC-PR. Esses estudos utilizaram principalmente a abordagem comportamental e de *Born Global* para análise do processo de internacionalização das empresas, baseando-se em entrevistas semiestruturadas para extração de dados. Os autores, em sua maioria, trabalhavam nas empresas estudadas e tiveram pouca dificuldade de acesso às informações. Apesar de avaliarem que sua pesquisa apresentou baixo impacto direto nas empresas estudadas, os autores avaliaram que contribuiu para sua efetiva absorção pelo mercado de trabalho no setor tecnológico durante ou após a realização do estudo.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Polo Tecnológico da Grande Florianópolis. Empresas de Base Tecnológica.

## ABSTRACT

This paper is aimed to systematize and analyze the main characteristics of previous studies on the internationalization of technology-based companies which together are part of the Technopole of Greater Florianópolis. To achieve this objective the main theories of internationalization of companies and the path of formation of the Technological Pole and its actors were discussed, to then proceed with the effective mapping of the studies and their subsequent analysis. The bibliometric research highlights studies from the area of Administration and International Relations of Undergraduate and Graduate courses at UFSC, UDESC, Unisul, Univali and PUC-PR. These studies mainly used the behavioral approach and Born Global approaches to analyze the internationalization process of companies, based on semi-structured interviews for data extraction. The authors mostly worked in the companies studied and had little difficulty in accessing information. Despite assessing that their research had a low direct impact on the companies studied, the authors assessed that it contributed to their effective absorption by the labor market in the technological sector during or after the study was carried out.

**Keywords:** Internationalization. Great Florianopolis Technopole. Technology-based Companies.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Modelo de Uppsala .....	22
<b>Figura 2</b> - Localização dos principais Distritos de Inovação, Redes de Fomento, Centros de Inovação, Parques, Aceleradoras e Incubadoras do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis .....	28

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Resultados Obtidos da Pesquisa no Google Acadêmico e em Repositórios de Universidades.....</b>	<b>35</b>
--	-----------

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Filtros de Seleção dos Estudos para Análise .....	35
<b>Gráfico 02</b> - Quantidades de Estudos Publicados por Ano.....	37
<b>Gráfico 03</b> - Quantidade de Estudos Publicados por Instituição e Por Tipo de Publicação .....	38
<b>Gráfico 04</b> - Quantidade de Estudos por Área.....	38
<b>Gráfico 05</b> - Tipo de Estudo de Caso.....	39
<b>Gráfico 06</b> - Empresas Estudadas .....	39
<b>Gráfico 07</b> - Área de Atuação das Empresas Estudadas .....	40
<b>Gráfico 08</b> - Principal Método Empírico de Coleta de Dados Utilizado .....	41
<b>Gráfico 09</b> - Tipo de Entrevista .....	42
<b>Gráfico 10</b> - Principais Cargos Entrevistados .....	43
<b>Gráfico 11</b> - Tipo de Questionário .....	43
<b>Gráfico 12</b> - Teorias Utilizadas na Abordagem Teórica dos Estudos .....	44
<b>Gráfico 13</b> - Relação dos Respondentes com a Empresa Estudada .....	46
<b>Gráfico 14</b> - Dificuldade dos Respondentes para Acessar Informações sobre o Processo de Internacionalização das Empresas Estudadas .....	48
<b>Gráfico 15</b> - Dificuldade dos Respondentes em Escolher as Teorias para Análise do Processo de Internacionalização das Empresas Estudadas .....	49
<b>Gráfico 16</b> - Contato dos Respondentes com as Empresas Estudadas ou com os Funcionário após a Realização do Estudo .....	50
<b>Gráfico 17</b> - Respondentes que possuem evidências de que seu estudo foi utilizado pela(s) empresa(s) para execução ou análise do processo de internacionalização ...	51
<b>Gráfico 18</b> - Respondentes que notaram que seu estudo foi mais útil para o seu próprio aprendizado acadêmico do que para auxílio do processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s) .....	52

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MCTI Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação

Finep Financiadora de Estudos e Projetos

CELTA Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas

ACATE Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina

Unisul Universidade do Sul de Santa Catarina

TI Tecnologia da Informação

SaaS *Software as a Service*, ou Software como Serviço em português

Anprotec Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores

CERTI Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras

CII Condomínio Industrial de Informática

FAPESC Fundação de Apoio à Pesquisa de Santa Catarina

CITeB Fundação Centro de Inovação e Tecnologia de Biguaçu

ACIP Associação Comercial e Industrial de Palhoça

INAITEC Instituto de Apoio à Inovação, Incubação e Tecnologia

ICMS Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

ISS Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza

CELESC Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.

TELESC Telecomunicações de Santa Catarina

ELETROSUL Centrais Elétricas do Sul do Brasil

CIASC Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina S.A.

FIESC Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina

SEBRAE Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

PUC-PR Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Univali Universidade do Vale do Itajaí

EBT Empresas de Base Tecnológica

CEO *Chief Executive Officer*, ou Diretor Executivo em português

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1	OBJETIVOS .....	16
1.1.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>16</b>
1.1.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>16</b>
1.2	METODOLOGIA.....	17
<b>2</b>	<b>TEORIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS</b> .....	<b>18</b>
2.1	AS TEORIAS DE ABORDAGEM ECONÔMICA .....	19
2.2	AS TEORIAS DE ABORDAGEM COMPORTAMENTAL.....	20
2.3	AS TEORIAS DE ABORDAGEM <i>BORN GLOBAL</i> .....	24
2.4	CONCLUSÃO PRELIMINAR.....	25
<b>3</b>	<b>POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS</b> .....	<b>26</b>
3.1	TRAJETÓRIA DO POLO TECNOLÓGICO .....	27
3.2	ATORES QUE COMPÕEM O POLO TECNOLÓGICO .....	28
3.2.1	<b>Universidade</b> .....	<b>29</b>
3.2.2	<b>Indústria</b> .....	<b>30</b>
3.2.3	<b>Governo</b> .....	<b>31</b>
3.4	CONCLUSÃO PRELIMINAR.....	32
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA DO POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS</b> .....	<b>33</b>
4.1	RESULTADOS QUANTITATIVOS .....	36
4.2	RESULTADO DO QUESTIONÁRIO COM AUTORES .....	45
4.3	CONCLUSÃO PRELIMINAR.....	52
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE 1</b> .....	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE 2</b> .....	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observou-se em Florianópolis uma renovação do perfil econômico, antes pautado primordialmente no turismo, na construção civil e nos serviços, em direção ao desenvolvimento de um relevante setor de tecnologia. Segundo Silva, Cario e Ruffoni (2018), o crescimento no número de empresas tecnológicas na região tem sido possibilitado pela existência de uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão universitária que contribui para o desenvolvimento da atividade empresarial. Essa estrutura não se restringe à capital catarinense, mas se expande para além dela, abrangendo também as cidades de São José, Biguaçu e Palhoça, que formam o Polo Tecnológico da Grande Florianópolis (PMF, 2021).

De acordo o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI, 2015), um Polo Tecnológico se caracteriza pela presença de empresas de segmentos correlatos ou complementares, com vínculos operacionais com instituições de ensino, centros de pesquisa e agentes locais, como governos, associações e agências, em um esforço organizado, integrado e direcionado para a consolidação de tecnologias e o desenvolvimento de empreendimentos. No caso do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis, além de contribuir para o aumento do número de empresas de base tecnológica na região, ele também se destaca em termos de qualidade. Em seis das treze edições do Prêmio de Inovação da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), uma empresa localizada na Grande Florianópolis foi vencedora. Também fazem parte desse habitat de inovação a incubadora do Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA), vencedora da categoria de melhor incubadora do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) nos anos de 1997, 2006 e 2011, e o MIDI Tecnológico, vencedor do mesmo prêmio em 2008 e 2012 (PMF, 2021).

Historicamente, Gunther (2007) considera que, a partir de 1960, o papel da universidade no Polo Tecnológico da Grande Florianópolis foi majoritariamente na capacitação de profissionais para o mercado. Contudo, desde 1990, tem se observado um aumento na produção de conhecimento para as empresas a partir do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas com o intuito de fornecer apoio científico e teórico ou documentar as práticas de mercado do setor.

O papel das interações internacionais envolvendo atores de polos tecnológicos vem sendo cada vez mais destacado pela literatura, e diversos estudos têm sido produzidos sobre o caso específico das empresas de base tecnológica baseadas em Florianópolis. Entretanto, ainda não há um estudo que analise as produções já realizadas e elenque os desafios encontrados pelos autores durante essa troca entre academia e setor empresarial. Sendo assim, o trabalho proposto objetiva tratar do assunto através da sistematização e análise das principais características, descobertas e desafios encontrados nos estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica que façam parte do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis.

## 1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste TCC.

### 1.1.1 Objetivo Geral

Sistematizar e analisar as principais características dos estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica que façam parte do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

O objetivo geral deste trabalho pretende ser alcançado através dos seguintes objetivos específicos:

- A. Mapear as principais teorias sobre internacionalização de empresas utilizadas na academia de modo a entender como cada uma trata os motivos para internacionalizar;
- B. Entender a formação do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis e o papel dos atores que o compõem;
- C. Mapear e sistematizar estudos sobre a internacionalização de empresas de base tecnológica do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis.



## 1.2 METODOLOGIA

Os capítulos iniciais desse trabalho têm como objetivo a contextualização teórica e histórica. Para tal, foi feita uma revisão de literatura, sendo a do primeiro capítulo focada nas teorias de internacionalização e a do segundo capítulo na formação do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis.

Para o terceiro capítulo foi feito um mapeamento dos estudos produzidos em âmbito de graduação e pós graduação, sejam eles trabalhos de conclusão de curso, como monografias, dissertações e teses, ou artigos científicos, que tratam da internacionalização de empresas de base tecnológica da Grande Florianópolis. Para tanto, buscaram-se publicações cadastradas em repositórios das bibliotecas das três principais universidades da região (UFSC, UDESC e Unisul) e no Google Acadêmico.

Na definição dos repositórios nos quais seriam buscados os estudos, optou-se por três universidades centrais que compõem o Polo Tecnológico de Florianópolis: Repositório Institucional da UFSC, Repositório Institucional da Unisul e Acervo Digital da UDESC. Os três somam mais de 90 mil publicações em seu acervo, de acordo com informações de 2021 contidas na aba “Sobre” dos próprios repositórios, oferecendo assim uma base relevante de publicações do estado de Santa Catarina. Também se levou em consideração que os principais campi destas universidades se localizam na Grande Florianópolis, o que facilitaria o desenvolvimento de estudos com empresas da região. Por outro lado, utilizou-se o Google Acadêmico para buscar estudos que possam ter sido publicados em outras universidades do estado e do Brasil, desde que tratassem de empresas de base tecnológica da região da Grande Florianópolis. A escolha dessa ferramenta deve-se a sua relevância no uso em pesquisas acadêmicas e a precisão na busca. Vale ressaltar que as buscas foram feitas durante o mês de junho de 2021, não levando em consideração eventuais mudanças e novas publicações desde então.

Utilizando-se do método de pesquisa booleana, no qual combinam-se palavras-chaves com operadores AND, OR e NOT (E, OU e NÃO em português, respectivamente) para delimitar o resultado da busca, o segundo passo foi a definição destas palavras-chaves. Como o assunto principal a ser tratado era a questão da internacionalização das empresas, esta foi a primeira palavra-chave definida. Posteriormente, também se considerou a palavra “internacional”. O segundo termo a

ser definido foi “empresa de base tecnológica”, buscando excluir publicações sobre internacionalização de empresas de outros setores. Também foram feitas pesquisas com as variantes “empresa de tecnologia”, “empresa de software”, “empresa de TI” e “empresa SaaS” (*Software as a Service*, ou Software como Serviço em português). O termo isolado “tecnológico” também foi considerado. Por fim, o terceiro componente da pesquisa foi “Grande Florianópolis”, a fim de delimitar a localização geográfica dos estudos.

Com o banco de dados montado, foi realizada uma limpeza na base a partir dos seguintes filtros: empresa(s) estudada(s), se a(s) empresa(s) estudada(s) era(m) de base tecnológica, se a(s) empresa(s) se localizava(m) na Grande Florianópolis e se havia alguma outra divergência para que o estudo não se aplicasse à pesquisa (por exemplo, um dos estudos mapeados cumpria todos os requisitos anteriores, mas o foco era uma análise do perfil do líder de equipes internacionais de um empresa de base tecnológica, ao invés do processo de internacionalização da mesma, especificamente). Selecionados os estudos, foi feita a classificação deles em: título, tipo de publicação, autor, ano, instituição, área do estudo, área de atuação da(s) empresa(s) estudada(s), se o estudo era multicaso ou tratava de um caso único, principal método de coleta de dados da empresa e principais abordagens teóricas utilizadas.

Por fim, buscou-se o contato dos autores dos estudos selecionados para envio de um questionário montado na plataforma Formulários Google, com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de entender de forma mais aprofundada os principais obstáculos enfrentados por eles durante a elaboração dos seus estudos. Buscou-se compreender, ainda, como os autores avaliam a utilidade dos seus estudos para as empresas estudadas.

## **2 TEORIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS**

Tendo como definição de internacionalização o “processo, ao longo do tempo, no qual uma empresa desenvolve envolvimento crescente em operações fora de seu país de origem” (DIB; CARNEIRO, 2007, apud (OVIATT; MCDUGALL, 1999, p. 2) o presente capítulo tem como objetivo mapear as principais teorias aplicadas pela

academia e como elas tratam os motivos para internacionalizar. Para isso, utiliza-se a classificação apresentada por Dib e Carneiro (2007) das teorias que estabeleceram o *mainstream* dos estudos em gestão internacional entre: (1) aquelas que utilizam uma abordagem de internacionalização com base em critérios econômicos e (2) aquelas que utilizam como base a evolução comportamental. No entanto, tendo em vista que, com o avanço da tecnologia da informação, as teorias de internacionalização construídas recentemente também têm buscado justificar a internacionalização acelerada de empresas de base tecnológica, a terceira seção desse capítulo trata destas abordagens. Paralelamente, com base nos estudos de Picchiai e Teixeira (2018), também é tratada a efetividade do uso das teorias para análise do processo de internacionalização de empresas brasileiras.

## 2.1 AS TEORIAS DE ABORDAGEM ECONÔMICA

Dentro desta classificação, destacam-se as teorias que buscam soluções “(pseudo-) racionais para as questões advindas do processo de internacionalização, que seria orientado para um caminho de decisões que trouxessem a maximização dos retornos econômicos” (DIB; CARNEIRO, 2007, p. 4). Entre elas estão a Teoria de Poder de Mercado de Hymer (1960), a Teoria da Internalização de Buckley e Casson (1976) e o Paradigma Eclético (OLI) de Dunning (1988).

As primeiras teorias que buscavam explicar o processo de internacionalização de empresas foram publicadas no início da década de 60, sendo o trabalho seminal de Hymer, na Teoria de Poder de Mercado, ou das Vantagens Monopolísticas, o pioneiro entre esses estudos. Segundo Dib e Carneiro (2007), a teoria de Hymer foca no aumento dos lucros por meio do aumento da concentração industrial e do poder de mercado da empresa. Isso se daria pela aquisição, fusão e extensões de sua capacidade produtiva quando a empresa ainda estivesse em estágio inicial de crescimento. No momento que a concentração do mercado doméstico chegasse a um ponto em que crescer se tornasse difícil, os lucros obtidos seriam investidos no mercado internacional, também visando o processo de concentração no mercado estrangeiro.

Tendo sua origem conceitual no artigo seminal de Coase (1937), “*The Nature of the Firm*”, a Teoria da Internalização de Buckley e Casson analisa a eficiência entre

unidades produtivas de uma empresa, para entender se os custos de transação de uma função devem levar à terceirização dela em um mercado externo à empresa, ou a internalização. Ou seja, avalia a participação internacional da empresa sob uma perspectiva de custo versus benefício (DIB; CARNEIRO, 2007, apud BUCKLEY; CASSON, 1976)

Já a obra de Dunning, o Paradigma Eclético OLI, analisa as empresas multinacionais através de suas vantagens competitivas (O - *Ownership*), podendo essas serem “derivadas da propriedade particular de um ativo singular e intangível (como uma tecnologia específica da empresa) ou derivadas da propriedade de ativos complementares (como a capacidade de criar novas tecnologias)” (DIB; CARNEIRO, 2007, p. 5). De acordo com a teoria, as firmas multinacionais bem sucedidas utilizam essas vantagens em relação aos seus rivais para estabelecer produção em locais que são atrativos devido suas vantagens de localização (L - *Location*). O sucesso de suas operações, segundo o Paradigma OLI, também se dá por essas firmas possuírem vantagens de internalização (I - *Internalization*) que as possibilitam reter o controle sobre suas redes de ativos (DIB; CARNEIRO, 2007 apud DUNNING, 1977).

Ao analisar as dez empresas mais internacionalizadas do Brasil, Picchiai e Teixeira (2018) verificaram que a maioria das transnacionais brasileiras seguiram premissas da abordagem econômica no seu processo de internacionalização. Entre elas, a prática de crescimento no mercado doméstico por meio de fusões e aquisições, como registrado pela Teoria de Poder de Mercado, tem sido comum. E, a partir do momento que as empresas passam a explorar as imperfeições dos mercados externos, muitas também decidem a melhor forma de entrar nestes mercados analisando os custos e os benefícios de cada operação, como tratado pela Teoria da Internalização. Ademais, ao concentraram seus investimentos nos países onde possuíam as maiores vantagens competitivas em relação aos concorrentes locais e globais, entre elas, a localização estratégica de unidades produtivas, a redução dos custos de produção e escoamento dos produtos e a exploração dos recursos locais, as empresas também seguem premissas do Paradigma Eclético OLI.

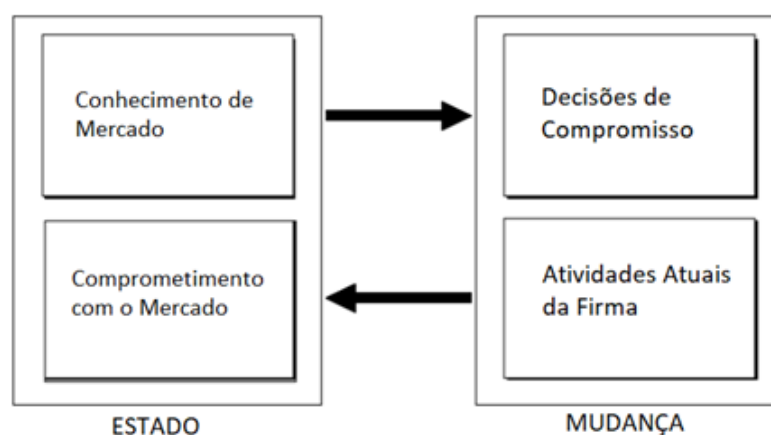
## 2.2 AS TEORIAS DE ABORDAGEM COMPORTAMENTAL

Ao contrário da abordagem com base em critérios econômicos, as teorias de internacionalização com base na evolução comportamental trazem que o “processo de internacionalização dependeria das atitudes, percepções e comportamento dos tomadores de decisão, que seriam orientados pela busca da redução de risco nas decisões sobre onde e como expandir” (DIB; CARNEIRO, 2007, p. 4). Essa abordagem origina-se dos chamados “modelos de estágios”, sendo o Modelo de Uppsala de Johanson e Vahlne (1977) o pioneiro. Posteriormente, a Escola Nórdica de Negócios Internacionais, como ficou conhecido esse grupo de pesquisadores da Universidade de Uppsala, na Suécia, passa a se dedicar à expansão de suas teorias comportamentais através da atualização do Modelo Uppsala por Johanson e Vahlne em 2009 e 2013, por Vahlne e Ivarsson em 2014 e por Vahlne e Jonsson em 2017, além de desenvolverem a Teoria de Redes de Relacionamento (*Networks*), obra de Johanson e Matsson da segunda metade da década de 80. Outra teoria desenvolvida mais tarde e que tem como princípio a análise comportamental do tomador de decisão da empresa é a Teoria do Empreendedorismo internacional de Oviatt e McDougall (1994) e Andersson (2000), também abordada nesta seção.

O modelo de Uppsala foi criado com base nos resultados obtidos em dois estudos empíricos publicados por Hörnell e Vahlne em 1972, e por Johanson e Wiedersheim-Paul em 1974, sobre o processo de internacionalização de empresas suecas. Nestes estudos, foram observados padrões similares no estabelecimento de operações em novos países: as empresas começam a exportar para um país por meio de um agente, mais tarde por meio de uma subsidiária de vendas e, por fim, começam a produzir no país. A ordem dos países para a qual as empresas se expandem é relacionada à distância psíquica entre o país de origem e os países de destino. Essa distância psíquica diz respeito à soma de fatores que impedem o fluxo de informações de e para o mercado, como idioma diferente, educação, práticas de negócios, cultura e desenvolvimento industrial. Nos casos estudados, à medida que as empresas gradualmente adquirirem experiência em iniciar e administrar subsidiárias, eram desenvolvidas políticas de comercialização comuns para elas. (JOHANSON; VAHLNE, 1977)

O pressuposto básico do modelo é que a falta de conhecimento sobre os mercados e operações estrangeiras é um obstáculo importante ao desenvolvimento das operações internacionais e que o conhecimento necessário pode ser adquirido principalmente por meio da execução dessas operações no exterior. A estrutura desenhada no modelo Uppsala distingue aspectos de estado e de mudança como variáveis de internacionalização. Dentro dos aspectos de estado, são considerados o comprometimento de recursos com o mercado externo (ou comprometimento com o mercado) e o conhecimento dos mercados e operações no exterior. Já nos aspectos de mudança, são considerados a decisão de comprometer recursos e o atual desempenho da firma. O conhecimento do mercado e o comprometimento com o mercado afetam ambos os desempenhos de atividades e decisões de compromisso, e vice-versa (JOHANSON; VAHLNE, 1977).

**Figura 1 - Modelo de Uppsala**



**Fonte:** (JOHANSON; VAHLNE, 1977)

O modelo de Uppsala foi criado com o intuito de ser útil no planejamento e na tomada de decisões de empresas buscando estabelecer operações internacionais, uma vez que os autores observaram que muitas empresas buscaram essa estratégia e não obtiveram sucesso. Os autores acreditam que estas não foram bem sucedidas por não darem importância ao fator experiência que, como o modelo indica, está relacionado a outras variáveis de internacionalização, e que dá uma base vítria para o planejamento e execução do processo. Além disso, os autores acreditam que o modelo pode ser útil para dar base em discussões de programas de países que afetam o comércio exterior, pois indica como tal experiência pode afetar o comportamento de

exportação e torna possível desenvolver um melhor entendimento do comportamento do investimento estrangeiro. Finalmente, o modelo tem como objetivo contribuir para a compreensão de como as empresas se tornam internacionais ou mesmo multinacionais. (JOHANSON; VAHLNE, 1977)

Do mesmo modo que o Modelo de Uppsala surgiu como contraponto à teoria de firmas multinacionais que se internacionalizam de uma vez só, o Modelo de Redes de Relacionamento, também nascido na Escola Nórdica, veio como um contraponto à teoria de Oliver Williamson (1975) sobre custos de transação. Esta explica a estrutura de governança para as transações que influenciam na escolha da firma sobre sua internacionalização. Normalmente, é utilizada como argumento para integração vertical e horizontal da firma, por trazer uma perspectiva na qual os custos de negociação, acesso à informação e custos contratuais acabam sendo maiores do que internalizar atividades anteriormente realizadas pelo mercado. (JOHANSON; MATTSON, 1987)

No modelo desenvolvido por Johanson e Mattson, o sistema industrial no qual firmas são engajadas com produção, distribuição e uso de serviços é analisado na forma de uma teia, ou rede de relacionamentos, no qual existem laços de dependência entre as outras. Logo, para se estabelecer em um novo mercado é preciso que a empresa crie relacionamentos em uma nova rede. Esse processo pode envolver a quebra de alguns relacionamentos ou apenas a adição de novos, de forma acumulativa. Por conta da natureza acumulativa desse processo, um conceito relevante nesse modelo é o da posição que a firma possui na rede, podendo ser considerada uma *insider* ou uma *outsider*. E, embora a premissa comportamental da Teoria das Redes de Relacionamento seja similar ao Modelo de Uppsala, no sentido de que o foco da definição de como se dará o processo de internacionalização está no tomador de decisão, estas serão determinadas não apenas pelo conhecimento ou falta de conhecimento dele, mas pelas relações dele dentro da rede de negócios. (JOHANSON; MATTSON, 1987)

Por fim, a Teoria do Empreendedorismo Internacional, postulada por McDougall e Oviatt em 1997 e atualizada por Andersson em 2000, busca analisar a internacionalização da empresa a partir da capacidade empreendedora e inovadora dos seus gestores. Assim, nesta teoria, o perfil do empreendedor torna-se o foco da análise. Esta abordagem costuma ser aplicada em empresas novas ou *startups*, mas

não se limita a ela, pois empresas já estabelecidas também precisariam se tornar empreendedoras para competir de modo eficiente no mercado (DIB; CARNEIRO, 2007).

Quando analisamos a aplicabilidade das teorias comportamentais no processo de internacionalização das empresas mais internacionalizadas do Brasil, verifica-se, assim como no caso da abordagem econômica, o uso das premissas da abordagem comportamental. De acordo com Picchiali e Teixeira (2018), o Modelo Uppsala pode ser observado na seguinte prática:

No início do processo de internacionalização, a maioria das transnacionais brasileiras adotou estratégias menos arriscadas devido à falta de conhecimento dos mercados externos, iniciando pelas exportações diretas, evoluindo para escritórios comerciais e implantação de unidades produtivas no exterior. Além disso, a maioria iniciou o processo de internacionalização pelos países sul-americanos, especialmente no MERCOSUL, por apresentarem menores distâncias psíquicas. (PICCHIALI; TEIXEIRA, 2018, p.16),

Os autores também afirmam que a nova dinâmica competitiva do comércio internacional, que levou as empresas brasileiras a investirem em inovação de produtos, serviços e processos, também reforça o uso das Teorias do Empreendedorismo Internacional e justifica os relacionamentos de redes locais e globais da Teoria das Redes de Relacionamento, principalmente quando analisada a internacionalização de empresas de alta tecnologia. (PICCHIALI; TEIXEIRA, 2018)

### 2.3 AS TEORIAS DE ABORDAGEM *BORN GLOBAL*

Uma vez que o ambiente de negócios internacionais deixou de ser analisado sob uma visão neoclássica de mercado, onde existem diversos fornecedores e cliente independentes, e passou a ser visto como uma rede de relacionamentos, novos modelos sobre as estratégias de internacionalização de empresas surgem, como o modelo das *Born Globals*, que trata de um nicho específico de empresas que já nascem internacionalizadas.

Tem-se registro de que o termo *Born Global* foi utilizado pela primeira vez em 1993, por Michael Rennie em um artigo publicado pela empresa de consultoria McKinsey na revista *McKinsey Quarterly*. Este tratava de um estudo sobre empresas



australianas de médio e pequeno porte que conseguiam competir com sucesso com empresas maiores e mais estabelecidas por terem nascido globais. Para estas, o mundo era seu mercado natural e exportar era um objetivo principal desde a sua concepção. Entre as características identificadas por Rennie (1993) para atribuir o termo *Born Globals* às empresas estudadas estão: faturamento de, em média, um quarto do total de um exportador tradicional, incluindo vendas domésticas; capacidade de entender e satisfazer as necessidades de um grupo particular de consumidores melhor do que a concorrência; capacidade de atingir até 76% das suas vendas com exportações até dois anos depois do início das operações da empresa.

Em termos acadêmicos, o termo *Born Global* passou a ganhar visibilidade a partir de 1994, com a publicação do artigo "*Toward a Theory of International New Ventures*", de McDougall e Oviatt, onde foram analisados 24 estudos de casos que desafiavam as teorias tradicionais de negócio internacional. A partir disso, diversos autores estudaram o fenômeno, seja para apresentar suas próprias definições sobre o termo, como Madsen e Servais (1997), Zucchella (2002) e Paul e Rosado-Serrano (2018), para tratar as empresas desse tipo como fontes geradoras de inovação e desenvolvimento para economias competitivas, como Sapienza e Almeida (1996), ou para tratar de casos regionais de *Born Globals* brasileiras como Zonta e Amal (2018).

Dentro de um cenário de avanço das tecnologias da comunicação, Picchiali e Teixeira (2018) apontam que as empresas nacionais, em especial as de base tecnológica, observaram também maiores possibilidades de internacionalização, contrariando os modelos tradicionais. O surgimento de empresas como as *Born Globals* se destaca pela menor disponibilidade de recursos tangíveis, como instalações e recursos financeiros, porém, alto grau de conhecimento e inovação.

## 2.4 CONCLUSÃO PRELIMINAR

Este capítulo tratou de seis teorias de internacionalização de empresas que compõem o *mainstream* dos estudos em gestão internacional, dividindo-as entre abordagem econômica, que vê a internacionalização como justificativa para maximização dos retornos econômicos, e abordagem comportamental, que foca na internacionalização a partir das percepções e comportamento dos tomadores de decisão das empresas. Estas teorias são:

- (1) Abordagem Econômica: Teoria de Poder de Mercado de Hymer (1960), a Teoria da Internalização de Buckley e Casson (1976) e o Paradigma Eclético (OLI) de Dunning (1988);
- (2) Abordagem Comportamental: Modelo de Uppsala de Johanson e Vahlne (1977), Teoria de Redes de Relacionamento de Johanson e Matsson (1987) e Teoria do Empreendedorismo internacional de Oviatt e McDougall (1997) e Andersson (2000).

Também foi tratada a teoria das *Born Global*, fenômeno mundial recente de empresas que já nascem internacionalizadas, que vai na contramão das teorias tradicionais tendo em vista que as empresas atuam de forma ativa no mercado estrangeiro mesmo com poucos recursos tangíveis. Esta teoria foi cunhada por Rennie (1993) e aprofundada em termos acadêmicos por McDougall e Oviatt (1994), Madsen e Servais (1997), Zucchella (2002), Paul e Rosado-Serrano (2018), Sapienza e Almeida (1996) e Zonta e Amal (2018).

Foi apontado por Picchiali e Teixeira (2018) que entre as dez empresas mais internacionalizadas do Brasil observa-se o uso consciente ou inconscientemente dos princípios tratados tanto nas teorias de abordagem econômica, quanto nas teorias de abordagem comportamental e do surgimento de *Born Globals* nacionais. No entanto, os autores concluem que as teorias, quando analisadas isoladamente, muitas vezes não são suficientes para explicar as estratégias de internacionalização adotadas pelas empresas como um todo, “especialmente pelo fato de que, não em raros momentos, estas têm que tomar decisões rápidas para se adaptarem às contingências do ambiente externo” (PICCHIALI; TEIXEIRA, 2018, p. 16). Assim, para um melhor manejo das teorias na análise do processo de internacionalização de empresas, é ideal observá-las como complementares, e não como contrastantes, e evitar tentar encaixar o processo de internacionalização de uma empresa em uma teoria específica.

### **3 POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar o contexto no qual as empresas foco dos estudos analisados nesse trabalho estão inseridas, ou seja, o Polo Tecnológico da Grande Florianópolis. Para isso, será traçada uma linha do tempo com

os principais marcos da formação do Polo, tendo como referência os sites oficiais da Prefeitura de Florianópolis e os sites das principais instituições citadas. Posteriormente, é feita uma análise sobre os atores que compõem esse Polo, à luz da teoria da hélice tríplice de Etzkowitz (2003), focando na relação universidade-empresa.

### 3.1 TRAJETÓRIA DO POLO TECNOLÓGICO

A história do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis começou em 1960, com a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), seguida pela fundação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 1965, na época chamada de Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. À medida que se deu a expansão desses centros universitários, laboratórios foram construídos e grupos de pesquisas formados, sendo estes elementos essenciais para a criação de um ambiente de conhecimento, inovação, pesquisa e desenvolvimento (PMF, 2021).

Na década de 1980, criou-se a Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI), responsável por desenvolver soluções para empresas no Brasil e no exterior. Em 1986, Florianópolis se tornou sede da primeira incubadora de base tecnológica do país, o Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA), sendo que no mesmo ano foi criada a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE) e construído o Condomínio Industrial de Informática (CII) (PMF, 2021).

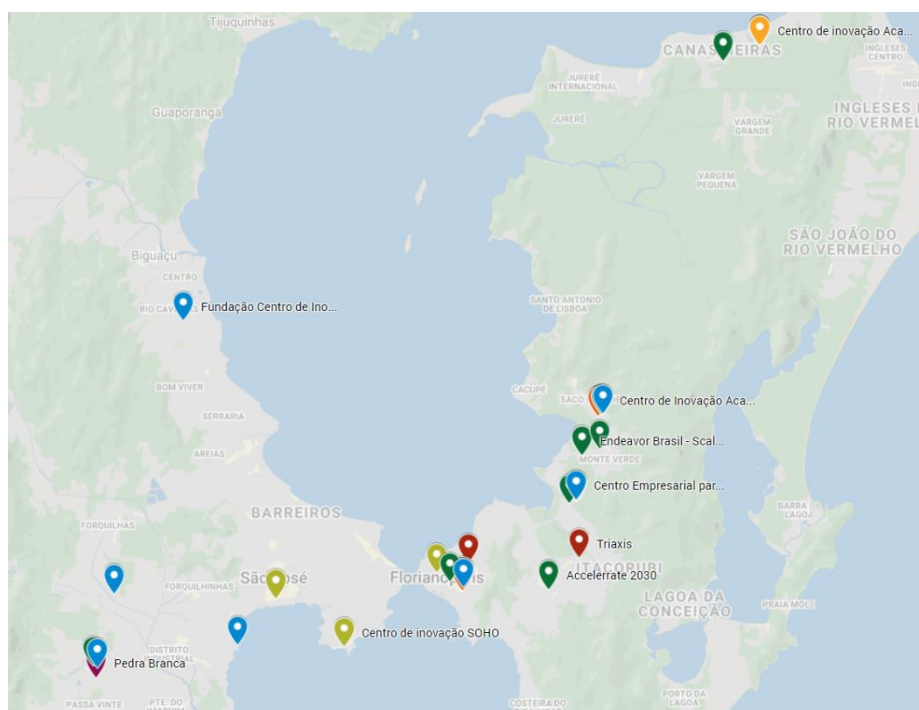
Seguida a formação do CII, em 1993, foi construído o Parque Tecnológico Alpha, com 100 mil metros quadrados e mais de 70 empresas de tecnologia instaladas, materializando assim a proposta de um ambiente voltado para inovação. Dois anos depois, em 1995, foi criada a Fundação de Apoio à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC), cujo objetivo é fomentar as atividades de ciência, tecnologia e inovação do estado. Em 1998, foi implementada a incubadora MIDI Tecnológico que, em conjunto com a incubadora CELTA, consolidou como referência nacional o modelo catarinense de incubação (PMF, 2021).

Em 2002, o projeto do Sapiens Parque, com mais de 4,5 milhões de metros quadrados dedicados à implantação de empresas e iniciativas inovadoras,

revolucionou o conceito de espaço de inovação na região. Em 2006, Florianópolis foi eleita pela revista internacional Newsweek uma das dez cidades mais dinâmicas do mundo. E em 2009 foi criado o Parque Tecnológico ACATE, que consolidou a Via da Inovação ao longo da Rodovia SC 401. No mesmo ano, foi regulamentada a Lei Catarinense de Inovação, que busca impulsionar o setor tecnológico de Santa Catarina como um todo (PMF, 2021).

Paralelo a este movimento na capital, em 1996 foi instalado o Campus Grande Florianópolis da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), que expandiu-se em seguida com a criação da Cidade Universitária Pedra Branca, na Palhoça, contribuindo como mais um centro de pesquisa na mesorregião (Unisul, 2021). Anos mais tarde, em 2005, na cidade de Biguaçu, foi criada a Fundação Centro de Inovação e Tecnologia de Biguaçu (CITeB), viabilizando o desenvolvimento e o fortalecimento de empreendimentos voltados para a inovação na região (CITEB, 2021). E, em 2010, por meio da parceria entre a Prefeitura Municipal de Palhoça, a Cidade Criativa Pedra Branca, a Unisul e a Associação Comercial e Industrial da Palhoça (ACIP), funda-se o Instituto de Apoio à Inovação, Incubação e Tecnologia (INAITEC), que dá início a um novo ciclo de inovação na Grande Florianópolis (INAITEC, 2021).

**Figura 2** - Localização dos principais Distritos de Inovação, Redes de Fomento, Centros de Inovação, Parques, Aceleradoras e Incubadoras do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis



**FONTE:** Adaptado de (VIA, 2021)

### 3.2 ATORES QUE COMPÕEM O POLO TECNOLÓGICO

A teoria da hélice tríplice postula que a interação entre governo-empresa-universidade é a chave para melhorar as condições de inovação em uma sociedade do conhecimento. A universidade serve como fonte de novos aprendizados, as empresas operam como *locus* de produção, e o governo garante as relações contratuais de forma que as interações e trocas entre os agentes permaneçam estáveis. A hélice tríplice normalmente começa quando o governo, a empresa e a universidade entram em um relacionamento recíproco entre si, em que cada um tenta melhorar o desempenho do outro. A maioria das iniciativas de aproximação entre esses atores ocorre em nível regional, onde problemas específicos no ambiente acadêmico, *clusters* industriais e a autoridade governamental influenciam o desenvolvimento (ETZKOWITZ, 2003).

O primeiro passo para formação da hélice tríplice é a colaboração entre os atores por meio de seus papéis tradicionais. Por exemplo, com o intuito de melhorar a economia local, representantes do governo, das empresas e das universidades podem desenvolver um acordo de crescimento regional ou estabelecer um conselho de tecnologia. Como resultado, o governo poderá acelerar licenças para construções de parques de inovação, as universidades poderão se comprometer a treinar mais alunos em uma área relevante para a economia local, e as empresas de uma certa indústria podem negociar novas relações de fornecedores entre si como parte de um *cluster* incipiente (ETZKOWITZ, 2003).

Com o passar do tempo, além de desempenhar suas funções tradicionais, cada parceiro da hélice tríplice começa a assumir "a função um do outro". Isso não quer dizer que as universidades e os governos se tornaram empresas, mas que cada ator assumirá as capacidades do outro, mantendo suas funções primordiais e identidades distintas. No caso das empresas, por exemplo, cuja principal função é produzir bens e serviços, também é possível desenvolver pesquisas e fornecer treinamento de nível superior, pelo menos em sua área de especialização, através de "universidades" internas (ETZKOWITZ, 2003).

As interações entre governo, empresas e universidade foram primordiais para que o Polo Tecnológico da Grande Florianópolis chegasse ao nível de

desenvolvimento que encontramos hoje, com um número relevante de empresas de base tecnológica e reconhecido pela qualidade das empresas que forma. A seguir busca-se entender o papel de cada um dos atores nessas interações.

### **3.2.1 Governo**

A atuação da esfera pública em suas três dimensões (Federal, Estadual e Municipal) contribuiu de forma relevante para a formação do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis, seja através da consolidação de um aparato institucional, ou através de incentivos fiscais (GUNTHER, 2007).

Quando se trata da consolidação de um aparato institucional, em relação aos governos Federal e Estadual, destaca-se a formação da UFSC e da UDESC que até hoje continuam como entidades públicas e gratuitas. Já no que tange a esfera Municipal, destaca-se também a criação de outras instituições de ensino superior presentes na região como a Unisul, sendo que esta, com o passar do tempo, deixou de ser uma instituição municipal se tornando uma instituição privada, o que lhe deu nova dinâmica e intensidade de investimentos (GUNTHER, 2007).

Para promover a sinergia necessária entre o setor produtivo, os pesquisadores acadêmicos e os centros de pesquisas disponíveis na região, o governo Estadual também aprovou a legislação necessária, como a Lei Estadual de Inovação (Decreto nº 2.372, de 9 de junho de 2009) e proporcionou incentivos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) ao setor de informática (Decreto nº 2.024, de 25 de junho de 2004). O apoio governamental à criação da ACATE é igualmente apontado como relevante, além da disponibilização de prédios e terrenos para a instalação de empreendimentos. A nível Municipal, a prefeitura de Florianópolis utilizou-se da sua função reguladora para criar leis como a Lei Municipal nº 3.045/88, que declarou a ACATE como organização de utilidade pública e a Lei Complementar nº 233, de 22 de maio de 2006 que reduziu o Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) para empreendimentos de base tecnológica e a Lei de Inovação nº 1.143 aprovada em 17 de abril de 2012 (SARQUIS et al., 2014).

### 3.2.2 Empresa

A consolidação de grandes empresas estatais de base tecnológica sediadas em Florianópolis também foi um fator significativo para a formação do Polo Tecnológico. Entre elas destacam-se as Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. (CELESC), as Telecomunicações de Santa Catarina (TELESC), as Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL) e o Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina S.A. (CIASC). A presença de tais empresas permitiu a absorção de vários engenheiros formados pelas universidades do estado, especialmente a UFSC, capacitando-os no desenvolvimento de tecnologias inovadoras. Ao deparar-se com diversas ocasiões nas quais as empresas estatais necessitavam de produtos com novas tecnologias, alguns funcionários resolveram tornar-se empreendedores para fornecer os produtos demandados, como foi o caso da Intelbras, Dígitro, Nexxera e Paradigma (SARQUIS et al., 2014).

Na origem do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis encontravam-se principalmente empresas de fabricação de máquinas ou equipamentos e softwares para comunicação, cujo principal mercado eram as empresas estatais. Hoje predominam os empreendimentos de tecnologia da informação, material elétrico, instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão, automação industrial e cronômetros/relógio destinados a mercados de nicho (SARQUIS et al., 2014).

Quando observados os números do setor, o Tech Report da ACATE, publicado em 2020 com base em dados coletados em 2019 aponta que a mesorregião da Grande Florianópolis possui 3.941 empresas de tecnologia, o que representa 32,5% do setor no estado de Santa Catarina. Também representa 56,2% do faturamento de empresas de tecnologia no estado, com R\$9,9 bilhões de receita contabilizados em 2019 (ACATE, 2020).

Este levantamento também destaca a atuação das entidades de representação dentro da hélice empresarial. Entre elas estão a ACATE, a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), e organizações que prestam serviços ao setor, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Essas entidades costumam se fazer presente em fóruns e discussões de incentivo à inovação, dando voz às diversas pequenas e médias empresas que não conseguem se posicionar como atores fortes se não por meio da união de umas com as outras (SARQUIS et al., 2014).

### 3.2.3 Universidade

A formação histórica do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis começa no decorrer da década de 60 através dos esforços públicos e privados para instalação de institutos de ensino superior. Num primeiro momento, essas instituições destinaram seus esforços para formação de recursos humanos mais capacitados, e a partir dos anos 90, as atividades relacionadas à pesquisa e desenvolvimento científico propriamente ditos se intensificaram (GUNTHER, 2007).

Em depoimentos coletados por Sarquis et al (2014), foi apontado que os proprietários e fundadores de grandes empresas de base tecnológica da região se graduaram nas universidades do estado, cujos maiores campi são sediados na região da Grande Florianópolis. E até hoje a formação de recursos humanos para as empresas de base tecnológica da região é primordial, como apontado pelo estudo de Silva, Cario e Ruffoni (2018) sobre a interação universidade-empresa de firmas de grande porte do setor de software de Santa Catarina, que analisou a forma como se dá a troca entre essas hélices em três regiões do estado: Blumenau, Joinville e a Grande Florianópolis. No caso da Grande Florianópolis, foram analisadas duas empresas.

Na primeira empresa analisada, apontou-se que as parcerias realizadas com universidades são mais intensas na formação de mão-de-obra qualificada para atuar na empresa, mas que também já foram realizadas parcerias na área de pesquisa. Uma delas ocorreu com o UFSC ainda na década de 1990 com o propósito de desenvolver a área de “Cloud Computing”, o que garantiu à empresa o pioneirismo no mercado de ERP em nuvem. A parceria com a universidade também se manifestou pelo uso dos produtos da empresa por parte de um laboratório do programa de pós graduação da UFSC. A interação da UFSC como cliente da empresa permitiu uma participação mútua no desenvolvimento do produto, uma vez que houve o reconhecimento da melhoria das condições competitivas, a partir dos relacionamentos firmados com a instituição (SILVA; CARIO; RUFFONI, 2018).

Na segunda empresa analisada, a interação com universidades ocorria não só com o propósito de contratar profissionais formados e em formação, mas também em parcerias com diversos laboratórios principalmente da UFSC para desenvolver



pesquisa tecnológica. Segundo dados coletados por Silva, Cario e Ruffoni (2018), as universidades realizavam pesquisa, e a empresa oferecia infraestrutura interna para que o conhecimento gerado pudesse ser colocado em prática.

Em ambos os casos analisados, apontou-se que “o processo de construção do conhecimento da empresa deve levar em consideração não somente sua estrutura interna, mas também as fontes externas de conhecimentos que são capazes de absorver” (SILVA; CARIO; RUFFONI, 2018, p.73). Entretanto, os autores ressaltam que, normalmente, empresas de grande porte possuem melhores condições para absorver esse conhecimento e interagir com outros agentes do sistema de inovação.

### 3.3 CONCLUSÃO PRELIMINAR

Neste capítulo, sintetizou-se a trajetória histórica da formação do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis, desde a fundação das primeiras instituições de ensino superior do estado, passando pelos marcos da criação da fundação CERTI, da incubadora CELTA, da ACATE, da FAPESC, do MIDI Tecnológico, do CITeB e do INAITEC. Destacou-se também a formação dos habitats de inovação do CII, do Parque Tecnológico Alpha, do Sapiens Parque e do Parque Tecnológico ACATE.

Então, foi tratado do papel dos principais atores do Polo Tecnológico, com base na teoria da hélice tríplice de Etzkowitz. Destacou-se o papel das três dimensões do governo (Federal, Estadual e Municipal) na consolidação de um aparato institucional para o polo e da criação de leis de incentivo fiscal; do perfil das empresas do polo no início da formação histórica e atualmente; e do papel da universidade na formação de pessoal capacitado para o mercado e da produção científica em parceria com as empresas.

Neste último ponto, focou-se em dois casos de empresas de software da Grande Florianópolis e sua relação com a universidade. Em ambos os casos, a troca entre a empresa e a universidade estendeu-se para além da contratação de recursos humanos, com o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Comentou-se, entretanto, que essa relação foi facilitada pelo fato de as empresas analisadas serem de grande porte.

#### **4 ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA DO POLO TECNOLÓGICO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Tendo em vista que no Polo Tecnológico da Grande Florianópolis a relação universidade-empresa possui grande relevância, e que a internacionalização é uma das etapas para elevação da competitividade empresarial, especialmente aquelas de base tecnológica que nascem já inseridas num contexto de globalização, é importante destacar o papel da academia na produção de estudos que dizem respeito ao assunto. Sendo assim, neste capítulo, apresenta-se uma análise de diversos estudos de casos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica localizadas na região da Grande Florianópolis publicados nos repositórios da UFSC, da Unisul e da UDESC. Conforme o que foi apontado na metodologia, também foi feita uma pesquisa na Google Acadêmico para buscar eventuais estudos publicados em outras universidades do estado e do Brasil.

Como também já foi esclarecido, para identificar esses estudos, foram realizadas buscas com a técnica de pesquisa booleana. A primeira busca iniciou-se com a combinação "internacionalização" E "empresa de base tecnológica" E "Grande Florianópolis" no Google Acadêmico. Optou-se por utilizar apenas essa combinação de palavras-chaves neste repositório por conta do alto volume de publicações que ele retorna e porque outras variações poderiam trazer resultados menos específicos. Nesta etapa, foram contabilizados 57 estudos, e em seguida a busca com a mesma combinação foi feita nos repositórios da UFSC, da Unisul e da UDESC, nesta ordem. Resultados que apareciam de forma duplicada no Google Acadêmico e novamente nos repositórios foram desconsiderados. Após a busca com esta combinação de palavras, foram feitas buscas apenas nos repositórios das universidades com outras combinações entre as palavras-chaves escolhidas, como pode ser observado na Tabela 1. Buscas com combinações que obtiveram 0 resultados em todos os repositórios não foram registrados o na tabela abaixo.

**Tabela 1** - Resultados Obtidos da Pesquisa no Google Acadêmico e em Repositórios de Universidades

<b>PALAVRAS-CHAVE NO TÍTULO</b>	<b>Google Acadêmico</b>	<b>UFSC</b>	<b>UNISUL</b>	<b>UDESC</b>
"internacionalização" E "empresa de base tecnológica" E "Grande Florianópolis"	57	1	1	0
"internacionalização" E "empresa de base tecnológica"	-	5	21	1
"internacionalização" E "empresa de tecnologia"	-	2	0*	1
"internacionalização" E "empresa de software"	-	2	0*	1
"internacionalização" E "empresa de TI"	-	2	0*	0
"internacionalização" E "empresa SaaS"	-	1	0*	0
"internacionalização" E "tecnológico"	-	0	0**	1
"internacional" E "empresa de base tecnológica"	-	0	57	1
"internacional" E "empresa de tecnologia"	-	1	0***	5
<b>PALAVRAS-CHAVE EM ASSUNTO</b>	<b>Google Acadêmico</b>	<b>UFSC</b>	<b>UNISUL</b>	<b>UDESC</b>
"internacionalização" e "empresa de base tecnológica"	-	1	9	-
"internacional" e "empresa de base tecnológica"	-	0	30	-
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>15</b>	<b>118</b>	<b>10</b>

**FONTE:** elaborado pela autora

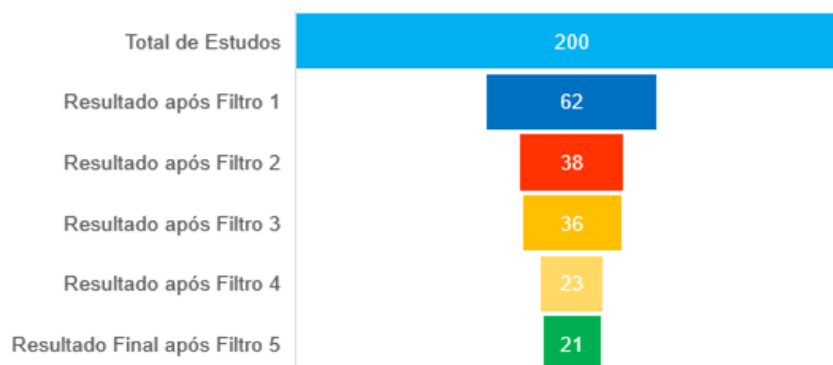
\*Mesmo resultados da pesquisa "internacionalização" e "empresa de base tecnológica"

\*\*Mesmo resultados da pesquisa "internacionalização" e "empresa de base tecnológica" e "grande florianópolis"

\*\*\*Mesmo resultados da pesquisa "internacional" e "empresa de base tecnológica"

O banco de dados final registrou 200 estudos, que passaram por uma “filtragem” em cinco etapas, representada no gráfico abaixo:

**Gráfico 1** - Filtros de Seleção dos Estudos para Análise



**FONTE:** elaborado pela autora

Os estudos que não tinham como objeto de análise uma empresa foram identificados quando feita a categorização “empresas estudadas”, ou Filtro 1, e assim, o conjunto de 200 estudos foi reduzido para 62 estudos.

O Filtro 2 utilizado para seleção dos estudos resultou da pergunta “a(s) empresa(s) estudada(s) é/são empresas de base tecnológica?”, utilizando como referencial a seguinte definição: “empreendimentos de base tecnológica são organizações produtoras de bens ou serviços inovadores, provenientes da aplicação sistemática e intensiva de conhecimentos científicos/tecnológicos no desenvolvimento de produtos” (SAQUIS *et al*, 2014 *apud* SEBRAE, 2002, p. 236) Foi considerado que alguns estudos eram multicaso e abrangiam tanto análises de empresas de base tecnológica quanto empresas de setores mais tradicionais. Estes estudos foram considerados para a pesquisa, totalizando 38 estudos.

O Filtro 3 dizia respeito à localização das empresas estudadas, visto que a presente pesquisa tem como recorte a região da Grande Florianópolis. Neste ponto era relevante que a empresa tivesse a sede ou fosse fundada em alguma das seguintes cidades que compõem a região metropolitana de Florianópolis: Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Mais uma vez foi considerado que alguns estudos eram multicaso e abrangiam tanto análises de empresas da Grande Florianópolis quanto empresas de outras cidades. Estes estudos que apresentavam análises de algumas empresas de base tecnológica de fora da região da Grande Florianópolis foram considerados para a pesquisa, totalizando 36 estudos.

Por fim, com os 36 estudos restantes, observou-se a necessidade de identificar se o foco do estudo era realmente a internacionalização da empresa, ou se era um estudo de empresa de base tecnológica da Grande Florianópolis com foco em outro processo corporativo. Utilizando o Filtro 4, foram identificados 13 estudos cujo foco era principalmente práticas gerenciais e perfil dos líderes da empresa. Assim, a seleção final abrangeu 23 estudos para análise.

Um último empecilho foi encontrado no momento de análise do conteúdo dos estudos: 2 estudos selecionados entre os 23 restantes não estavam abertos para acesso do público em geral nos devidos repositórios. Dessa forma, eles foram desconsiderados pelo Filtro 5 e restaram 21 estudos para análise, encontrados no Apêndice 1.

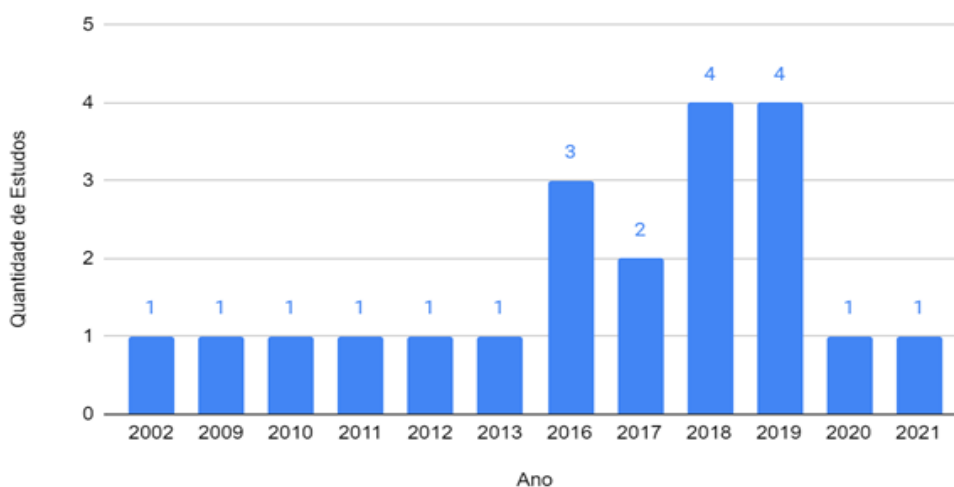
A partir das informações coletadas sobre os estudos selecionados, foram analisados o ano, tipo de publicação, instituição de origem, se os estudos eram multicaso ou caso único, informações gerais sobre as empresas abrangidas no estudo, informações sobre os métodos empíricos de coleta de dados sobre as empresas estudadas e as principais teorias utilizadas para análise de processo de internacionalização delas. Para melhor visualização dos resultados obtidos, foram elaborados gráficos que serão apresentados na seção 4.1.

Com o número final de estudos selecionados, os autores dos estudos foram contatados para aplicação de um questionário cujo intuito era compreender de forma mais aprofundada os principais obstáculos enfrentados por eles durante a elaboração dos estudos. As análises das respostas obtidas do questionário com os autores são apresentadas na seção 4.2.

#### 4.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

O primeiro ponto a ser analisado entre os 21 estudos selecionados foi o recorte temporal no qual eles foram publicados. Apesar de contar com um estudo do início do milênio, de 2002, mais de 70% dos estudos se concentram depois da segunda metade da década de 2010, entre 2016 e 2021, com destaque para os anos de 2018 e 2019. Destaca-se que a pesquisa nos repositórios foi realizada em junho de 2021, por isso a quantidade de estudos de 2021 foi reduzida e não condiz com a quantidade absoluta de estudos publicados nesse ano.

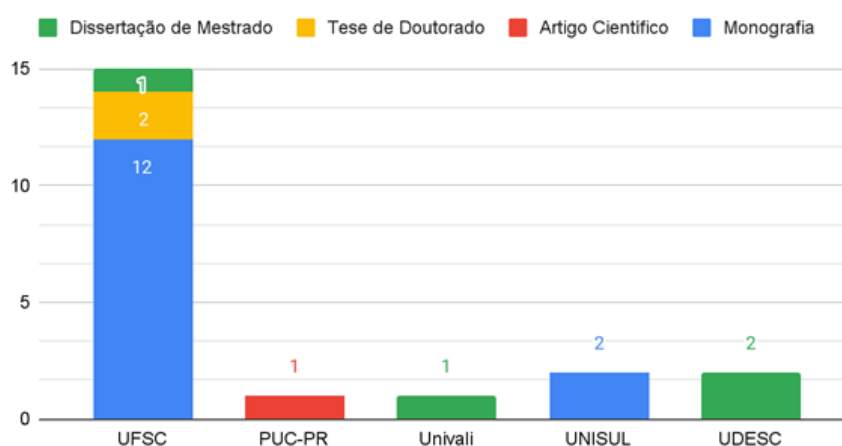
**Gráfico 2** - Quantidades de Estudos Publicados por Ano



**FONTE:** elaborado pela autora

Dos 21 estudos selecionados, mais de 15 tinham como instituição de origem a UFSC. Desses 15, 12 eram Monografias, 2 Teses de Doutorado e 1 Dissertação de Mestrado. Entre as outras instituições de origem elencadas, foram selecionados 1 Artigo Científico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), 1 Dissertação de Mestrado da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), 2 Monografias de Graduação da Unisul e 2 Dissertações de Mestrado da UDESC.

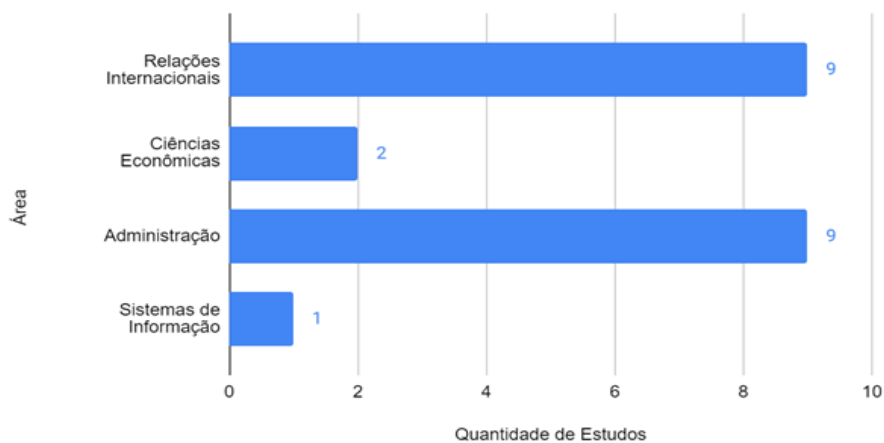
**Gráfico 3** - Quantidade de Estudos Publicados por Instituição e Por Tipo de Publicação



**FONTE:** elaborado pela autora

Destaca-se a área de Relações Internacionais como originária do estudo selecionado, com 9 estudos entre os 21. Também se destacam os estudos advindos dos cursos de graduação e pós-graduação em Administração. Também foram selecionados 2 estudos das Ciências Econômicas e 1 de Sistemas de Informação.

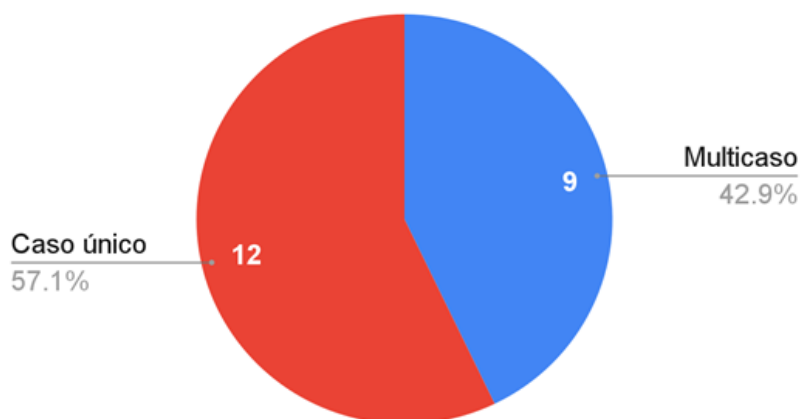
**Gráfico 4** - Quantidade de Estudos por Área



**FONTE:** elaborado pela autora

Enquanto 12 dos estudos selecionados tratavam unicamente em analisar o processo de internacionalização de uma empresa, 9 estudos analisavam o processo de internacionalização de 2 ou mais empresas.

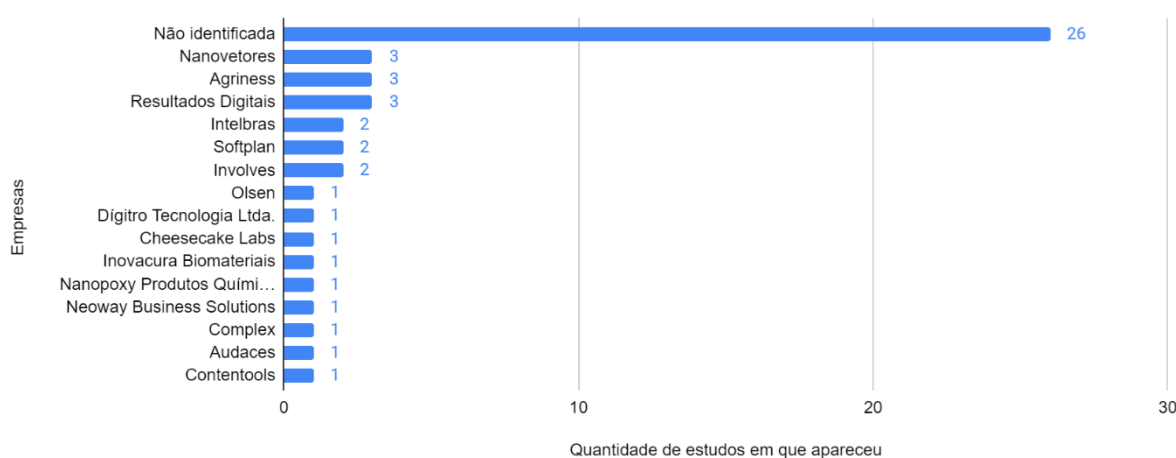
**Gráfico 5 - Tipo de Estudo de Caso**



**FONTE:** elaborado pela autora

Assim, ao total, estes 21 estudos analisaram 41 empresas de base tecnológica da Grande Florianópolis, sendo que 63% delas preferiram não ser identificadas pelo nome nos estudos que participaram. As 26 citações de empresas nos estudos diziam respeito a 15 empresas, sendo Nanovetores, Agriness e Resultados Digitais citadas 3 vezes, Intelbras, Softplan e Involves citadas 2 vezes e as demais empresas listadas no gráfico abaixo citadas 1 vez:

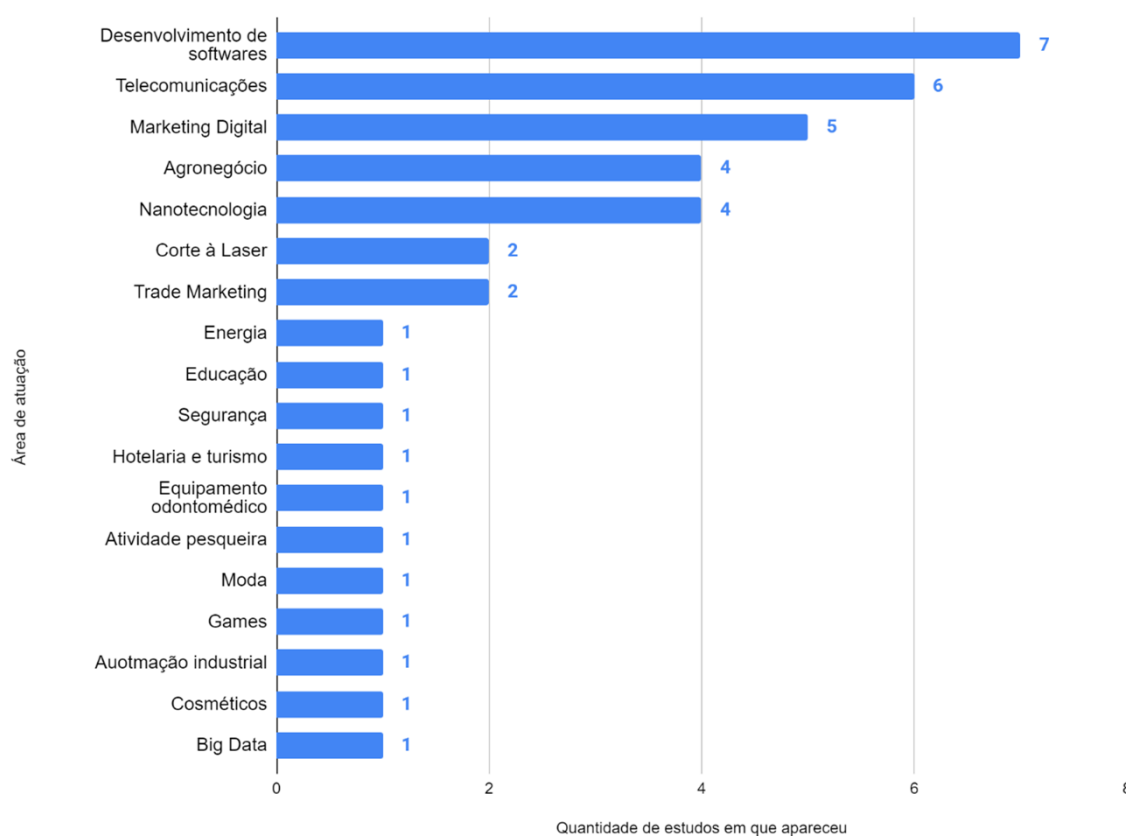
**Gráfico 6 - Empresas Estudadas (Estudos Selecionados)**



**FONTE:** elaborado pela autora

Apesar de não citar o nome de todas as empresas estudadas, ao longo dos 21 estudos foi citada a área de atuação dessas 41 empresas. Cabe ressaltar, no entanto, que diferentes atores podem ter descrito a mesma empresa com áreas diferentes, como por exemplo a empresa Intelbras, que atua tanto na área de Segurança quanto na área de Telecomunicações. Por isso, o gráfico serve para termos uma noção geral das áreas das empresas tratadas em cada estudo, ao invés de um dado específico sobre a questão.

**Gráfico 7 - Área de Atuação das Empresas Estudadas (Estudos Seleccionados)**



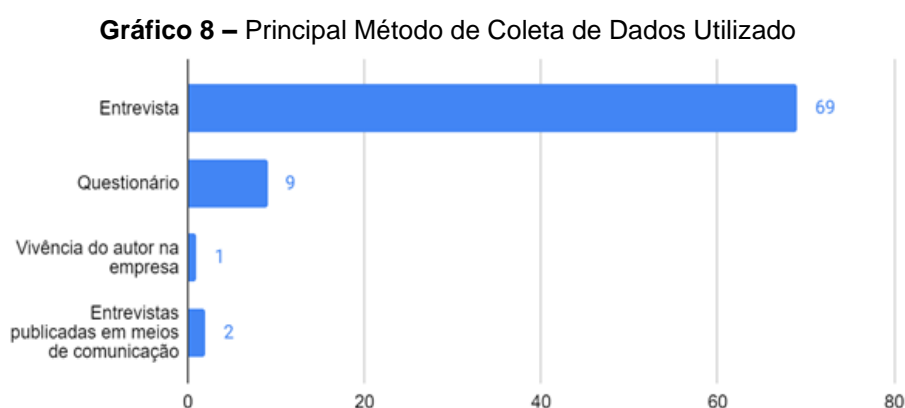
**FONTE:** elaborado pela autora

Uma vez compreendido o panorama acima, partiu-se para uma análise dos métodos de extração de dados das empresas utilizados pelos autores em seus estudos. Observou-se uma vasta gama de métodos para composição do estudo como um todo, ou seja, tanto para o capítulo de apresentação da empresa quanto para a análise do seu processo de internacionalização. Entre esses métodos estão entrevistas, informações contidas em jornais, relatórios, publicações da empresa na



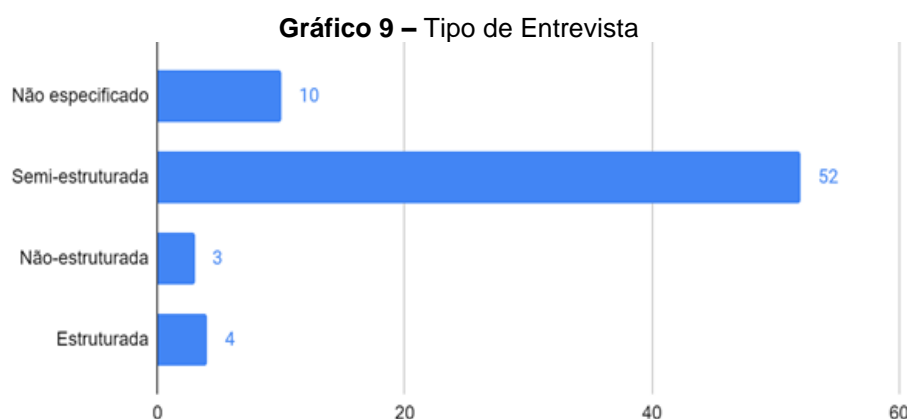
mídia, *playbooks* e documentos oficiais da organização, pesquisa de campo e análise de depoimento de clientes e parceiros. Entretanto, como esta pesquisa visa entender a forma como foram conduzidas as análises do processo de internacionalização dessas empresas nos estudos, buscou-se ao longo dos estudos mapeados, qual o principal método utilizado para obter informações primárias a respeito do processo de internacionalização. Assim, observou-se que a entrevista foi o principal método utilizado.

Em 21 estudos, foram realizadas 69 entrevistas e preenchidos 9 questionários. Um dos estudos também foi feito, de acordo com o autor, a partir da vivência pessoal dele na empresa, e 2 estudos utilizaram exclusivamente entrevistas dos CEOs (*Chief Executive Officer* ou Diretor Executivo, em português) e líderes das áreas de internacionalização já publicados em meios de comunicação como portais de notícias e mídias sociais, em forma de texto, vídeos e podcasts, para realizar a análise.



**FONTE:** elaborado pela autora

Quanto ao perfil destas 69 entrevistas, o método mais utilizado foi a entrevista semiestruturada, que possui um roteiro prévio, mas abre espaço para que o candidato e entrevistador façam perguntas fora do que havia sido planejado, sendo 52 das 69 entrevistas desse tipo. Também foram realizadas 4 entrevistas estruturadas, cujas perguntas já são pré-estabelecidas e aplicadas para todos os entrevistados igualmente, e 3 entrevistas não-estruturadas, na qual o entrevistado decide-se pela forma de construir a resposta. Entre as 69 entrevistas, 10 não foram especificadas se foram estruturadas, semiestruturadas ou não-estruturadas.



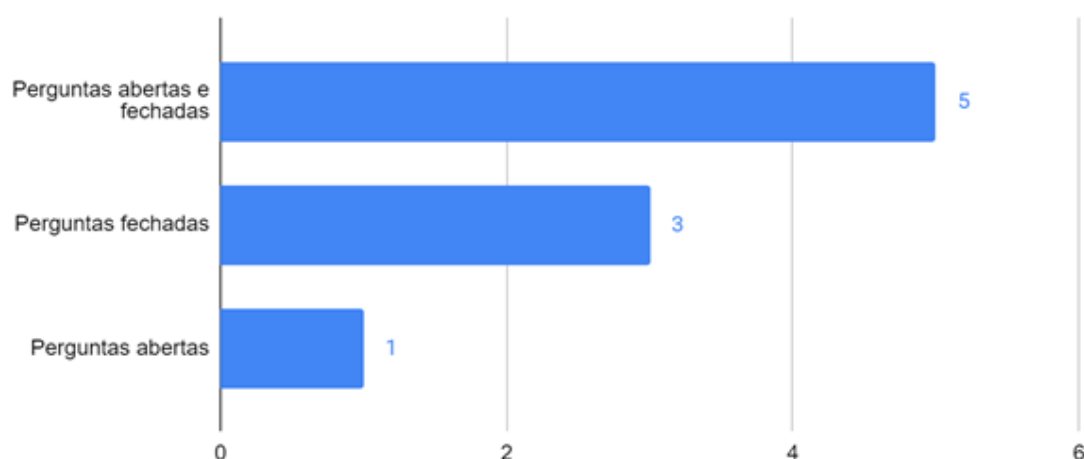
**FONTE:** elaborado pela autora

Quanto aos sujeitos das entrevistas, destacam-se os analistas, com 11 entrevistas realizadas com cargos classificados como esta função. Na maioria dos estudos, não foram especificadas as áreas de atuação dos analistas, mas pode-se deduzir que eram analistas voltados para a parte de internacionalização, como vendas, marketing e operações internacionais. Ainda que os analistas se destaquem entre aqueles entrevistados nos estudos, há também uma quantidade significativa de funcionários de alto escalão sendo entrevistados, sejam eles Diretores (10 entrevistas), Gestores (10 entrevistas), CEOs (8 entrevistas), Sócios-Fundadores (7 entrevistas), Gerentes (4 entrevistas), Sócios (4 entrevistas) e Coordenadores (2 entrevistas). Destaca-se também um estudo que entrevistou 1 Ex-Vice Presidente da empresa. Outro estudo também entrevistou 1 Ex-Colaborador, cujo cargo não foi especificado. Há entre os entrevistados também 7 Fornecedores Internacionais, destacando assim a relevância dessas partes para o processo de internacionalização da empresa. Entre os cargos classificados como “Outros” estão funções como Engenheiros e Desenvolvedores de Software não diretamente ligados às funções estratégicas do processo de internacionalização.

**Gráfico 10 – Principais Cargos Entrevistados**

**FONTE:** elaborado pela autora

Quanto ao segundo método de extração de dados das empresas mais utilizado pelos os autores dos estudos elencados, o questionário combinado de perguntas abertas e fechadas é o favorito, com 5 questionários respondidos. As perguntas abertas permitem que o respondente utilize suas próprias palavras, enquanto as perguntas fechadas são formadas por opções de respostas já preenchidas para o respondente escolher. Em segundo lugar estão 3 questionários respondidos com apenas perguntas fechadas e por último 1 questionário com apenas perguntas abertas.

**Gráfico 11 – Tipo de Questionário**

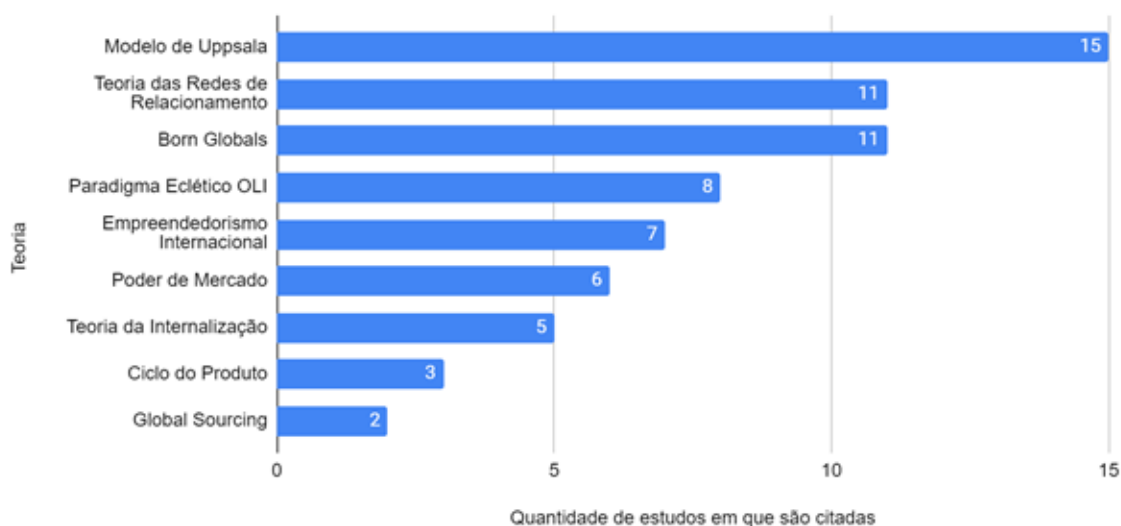
**FONTE:** elaborado pela autora

Após realizarem a coleta de dados da empresa a partir dos métodos empíricos elencados acima, os autores realizaram em seus estudos revisões das teorias de internacionalização como apoio para contextualização e posterior análise do processo

de internacionalização à luz delas. Para capturar as teorias utilizadas pelos autores em seus estudos, foi analisado o sumário de cada um dos estudos e o conteúdo do capítulo teórico deles.

Elencadas as teorias utilizadas por cada autor em seus estudos, foi possível observar que o Modelo de Uppsala é o mais citado, aparecendo em 15 dos 21 estudos selecionados. Em seguida está a Teoria das Redes de Relacionamento, que aparece em 11 dos 21 estudos. Assim, conclui-se que as teorias da Escola Nórdica, cuja abordagem tem foco comportamental, foram as mais utilizadas pelos autores nos estudos selecionados por essa pesquisa. Em seguida, empatado com a Teoria das Redes de Relacionamento com citações em 11 dos 21 estudos, está a teoria das *Born Global*. As teorias de abordagem econômica que mais foram citadas são a do Paradigma Eclético OLI, que aparece em 8 estudos, a do Poder do Mercado, que aparece em 6 estudos e da Internalização, que aparece em 5 estudos. Acima destas duas últimas está a Teoria do Empreendedorismo Internacional, de abordagem comportamental, e que aparece em 7 estudos. Outros modelos de abordagem econômica que aparecem é o do Ciclo do Produto, de Vernon (1966), com citações em 3 estudos, e o de *Global Sourcing*, pautada nos estudos de Trent e Monczka (2005) e Duysters e Lokshin (2011), que aparece em 2 estudos.

**Gráfico 12 – Teorias Utilizadas na Abordagem Teórica dos Estudos**



**FONTE:** elaborado pela autora

Algumas teorias foram citadas em apenas um estudo entre os selecionados, e por isso não constam no gráfico acima. Alguns exemplos foram a Teoria da Reação Oligopolista, de Knickerbocker (1973), voltada para a questão da internacionalização via Investimento Direto Externo (IDE), a teoria da Empresa Multinacional de Mercado Emergente de Rugman (2010), a teoria de *Effectuation* de Sarasvathy (2001) e sua incorporação aos princípios do Modelo Uppsala que resultou no Modelo UE de Schweizer, Vahlne, Johanson (2010).

Observa-se também especificidades nas teorias utilizadas de acordo com a área de atuação de cada autor. No caso do estudo elaborado pelo autor da área de Sistemas da Informação, além das teorias tradicionais utilizadas para analisar a internacionalização das empresas, foram elencadas as abordagens da perspectiva do planejamento sistemático de Root (1987) e a perspectiva contingencial de Li, Li e Dalgic (2004). Já alguns autores dos estudos advindos da área de Administração utilizaram-se de teorias de Marketing Internacional de Edmir Kuazaqui (2019), Czinkota e Ronkainen (2008), Cateora e Graham 2013 e Philip Kotler (2000) para abordar o processo de internacionalização das empresas estudadas.

#### 4.2 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO COM AUTORES

Após análise do conteúdo dos estudos mapeados, buscou-se o contato dos autores através de e-mails disponibilizados nos estudos e mensagens em redes sociais profissionais, como o LinkedIn, para aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas a respeito do processo de preparação, elaboração e finalização do estudo. O formulário aplicado encontra-se nos anexos deste trabalho como Apêndice 2. Ao total, foram encontrados 16 autores, para os quais foi enviado o questionário através da plataforma Formulário Google, e a partir desse contato foram obtidas 12 respostas. Como no formulário os autores deixaram seu relato de forma anônima, para citar suas respostas, optou-se por nomeá-los pela ordem de resposta, como Respondente 1, Respondente 2, etc.

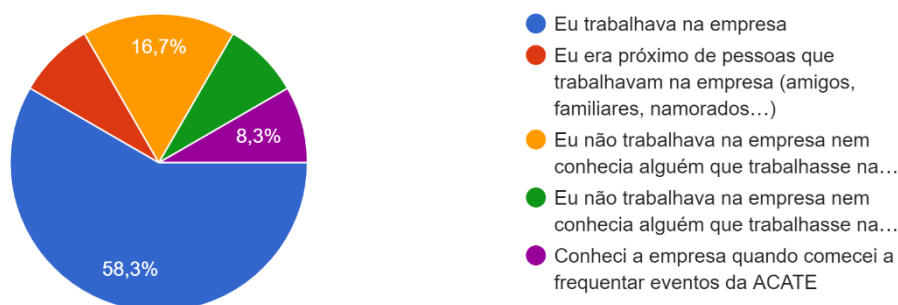
A primeira pergunta do questionário buscava avaliar a relação do autor com a empresa estudada na época da realização de sua pesquisa. As opções eram “Eu trabalhava na empresa”, não distinguindo se o vínculo empregatício era como funcionário pleno ou estagiário; “Eu era próximo de pessoas que trabalhavam na

empresa (amigos, familiares, namorados...); “Eu não trabalhava na empresa nem conhecia alguém que trabalhasse na empresa, mas conheci a empresa através do meio acadêmico”; e “Eu não trabalhava na empresa nem conhecia alguém que trabalhasse na empresa, mas conheci a empresa através do mercado”. Também havia a possibilidade de adicionar uma resposta personalizada à pesquisa, o que ocorreu de fato, como pode ser visto no gráfico abaixo:

**Gráfico 13 – Relação dos Respondentes com a Empresa Estudada**

Qual era a sua relação com a(s) empresa(s) estudada(s)?

12 respostas



**FONTE:** elaborado pela autora

A opção “Eu trabalhava na empresa” foi a mais escolhida, com 7 respostas. Em seguida, 2 autores sinalizaram que conheceram a(s) empresa(s) estudada(s) através do meio acadêmico, sendo que 1 deles informou que tomou conhecimento da(s) mesma(s) por meio de estudos de caso publicados sobre elas anteriormente. As demais opções obtiveram 1 resposta cada. O autor que sinalizou que conheceu a(s) empresa(s) estudada(s) através do mercado sinalizou que esse se deu pela indicação de gestores de incubadoras da região da Grande Florianópolis. Também houve o caso de um autor que indicou que conheceu a(s) empresa(s) após frequentar eventos da ACATE, que poderia também ser caracterizado como conhecer a empresa através do mercado.

Ao serem questionados sobre o motivo pelo qual escolheram a(s) empresa(s) como foco de estudo, a maioria dos autores justificou a escolha pelo fato de já estar trabalhando nela. Outros, no entanto, escolheram primeiramente o problema de pesquisa elencado e depois escolheram a(s) empresa(s), como o autor do relato abaixo:

A empresa se encaixava no perfil que eu estava querendo estudar (empresas desenvolvedoras de software), e também fui muito bem recebido pelo fundador da empresa, que na época era conselheiro e presidente do grupo temático de internacionalização da ACATE, e conseguiu me convidar para diversos eventos fechados, possibilitando que eu levantasse muitos dados para minha pesquisa. (Respondente 8)

Outro critério utilizado para justificar a escolha da(s) empresa(s) para o estudo foi o estágio de internacionalização no qual ela(s) se encontrava(m). No entanto, não houve concordância entre os autores sobre o estágio de internacionalização ideal para elaboração do estudo. Enquanto um autor disse que escolheu a empresa porque ela estava em estágio inicial de internacionalização e tinha possibilidade de utilização prática do estudo, e outro disse que havia escolhido a empresa pois a mesma tinha acabado de receber um aporte internacional e estava começando o atendimento a clientes da Europa e EUA, outros autores disseram que a escolha da empresa foi devido ao fato de a mesma já ter atuação consolidada em certos mercados internacionais, o que facilitaria a identificação do processo de decisão para internacionalizar e suas principais barreiras, ou como forma de auxiliar a estruturação do setor de internacionalização para melhorar sua posição no mercado internacional.

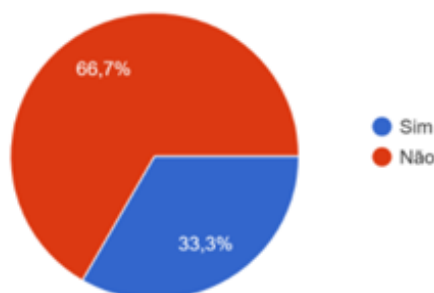
Por fim, outro critério de escolha comentado por um dos autores foi a admiração pela mesma, como observado no seguinte relato:

A empresa se destacou com um perfil muito único em relação a todas as demais empresas da região pelo alto nível tecnológico e rapidez na sua internacionalização desde o momento da criação. A admiração pelo trabalho desenvolvido por eles foi o que me fez optar pela pesquisa a partir do processo de internacionalização vivido pela organização. (Respondente 10)

Questionados sobre as dificuldades durante o período de elaboração do estudo, 8 autores disseram não ter dificuldades na hora de coletar as informações sobre o processo de internacionalização da(s) empresa(s). Entre aqueles que responderam “Não”, 6 deles trabalhavam na empresa e os outros 2 conheceram a empresa através do mercado. Entre os que responderam “Sim”, apenas 1 deles trabalhava na empresa, 1 era próximo de pessoas que trabalhavam na empresa, e os outros 2 conheceram a empresa através do mercado. Assim, entende-se que aquelas pessoas que já estão inseridas no dia a dia da empresa costumam ter mais facilidade para acesso aos funcionários para realização de entrevistas e informações sobre o processo de internacionalização dela. O único funcionário da empresa que sinalizou

ter dificuldade para conseguir essas informações disse que não trabalha na área específica de internacionalização.

**Gráfico 14** – Dificuldade dos Respondentes para Acessar Informações sobre o Processo de Internacionalização das Empresas Estudadas



**FONTE:** elaborado pela autora

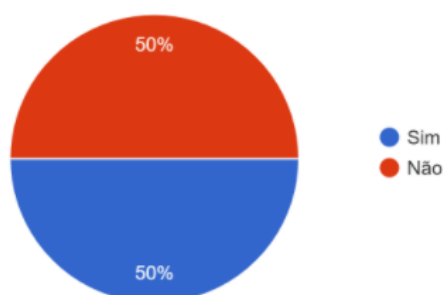
Entre as respostas dos autores que disseram ter dificuldade na coleta dessas informações, destacam-se a falta de informações públicas e o contato com a alta liderança. Quanto à falta de informações públicas, o autor que trabalhava na empresa escolhida como foco do estudo e disse ter dificuldade para acessar as informações relatou a não disponibilidade de documentos sensíveis ou números brutos, e que nas entrevistas realizadas com outros funcionários obteve apenas percepções gerais do processo de internacionalização, sem um maior aprofundamento em métricas. Quanto à dificuldade de acesso à alta liderança, uma estratégia para contornar a situação adotada por um dos autores que responderam ao questionário foi adaptar o acesso à alta liderança para um formato mais rápido, através do envio de perguntas fechadas via e-mail, e com contato intermediado por uma pessoa conhecida de ambos.

Questionados sobre a análise do processo de internacionalização da empresa à luz das teorias da internacionalização, os autores se dividiram em 50% com dificuldade para escolha das teorias e 50% sem dificuldade. Entre os comentários registrados sobre as dificuldades para escolha das teorias, todos relataram a não sincronidade entre a teoria e a prática.



**Gráfico 15** – Dificuldade dos Respondentes em Escolher as Teorias para Análise do Processo de Internacionalização das Empresas Estudadas

**FONTE:** elaborado pela autora



Também foi comentado sobre os trabalhos e teses sobre o assunto serem antigos e geralmente não abrangerem as particularidades das empresas de base tecnológica e da realidade regional. Segundo o relato de um dos autores:

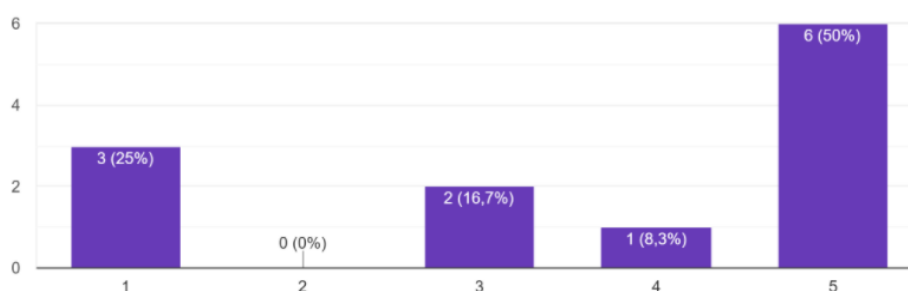
Vejo que teoria e prática não andam juntas de maneira geral quando falamos de internacionalização de empresas. Isso porque uma empresa não escolhe uma teoria de internacionalização para seguir seu processo de expansão, mas sim o que faz sentido para eles naquele momento, e isso também pode mudar com o tempo. (Respondente 3)

Para contornar essa dificuldade, os autores comentaram ter utilizado mais de uma teoria para análise, escolhendo aspectos específicos de cada uma que mais se aproximavam ao que estava acontecendo na realidade estudada, e também abordaram questões como a digitalização e a internacionalização acelerada para diversificar o estudo e obter mais conclusões.

Por último, no questionário foram apresentadas três frases para os autores classificarem em uma escala de 1 a 5, sendo 1 = Discordo Totalmente, 2 = Discordo Parcialmente, 3 = Nem Concordo, Nem Discordo, 4 = Concordo Parcialmente e 5 = Concordo Totalmente. Essas frases tinham como intuito avaliar a opinião dos autores acerca do impacto dos seus estudos para as empresas e para o desempenho acadêmico individual de cada um deles, após a entrega do estudo.

A primeira frase era “Mantive algum tipo de contato com a(s) empresa(s) estudada(s) ou com os funcionários de lá após a realização do estudo”, e obteve três notas 1 = Discordo Totalmente, duas notas 3 = Nem concordo, Nem Discordo, uma nota 4 = Concordo Parcialmente e seis notas 5 = Concordo Totalmente, como pode ser visto no gráfico abaixo:

**Gráfico 16** – Contato dos Respondentes com as Empresas Estudadas ou com os Funcionário após a Realização do Estudo



**FONTE:** elaborado pela autora

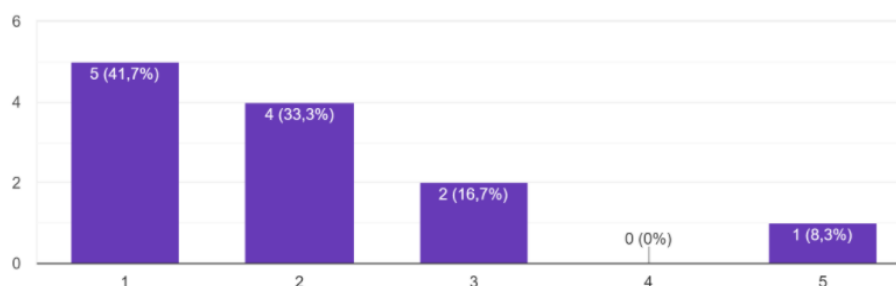
Entre aqueles que deram nota 5 = Concordo Totalmente estão autores que ou foram contratados pela empresa como funcionários plenos após a realização do estudo ou autores que já estavam trabalhando como funcionários e continuaram na empresa após o estudo. Também está entre eles um autor que nunca trabalhou em uma das empresas estudadas, mas que, a partir da experiência de elaboração do estudo, adentrou o mercado foco da pesquisa e hoje atua com gestão e mentoria para estruturação de startups.

O autor que respondeu com a nota 4 = Concordo Parcialmente disse que optou por outra oportunidade profissional, também na área de tecnologia, mas que mantém contato com os antigos colegas. Já um dos autores que respondeu com a nota 3 = Nem Concordo, Nem Discordo disse que acompanhou a expansão internacional da empresa para outros países não de forma direta, somente para próprio conhecimento e curiosidade sobre a temática, mas que encontrou com funcionários em painéis sobre internacionalização e tecnologia que aconteceram ao longo do tempo, uma vez que, apesar de não ter trabalhado na empresa estudada, hoje também trabalha no mercado de tecnologia. Nenhum autor respondeu com nota 2 = Discordo Parcialmente, e os autores que responderam com nota 1 = Discordo Totalmente não comentaram suas respostas.

A segunda frase a ser avaliada dizia “Tenho evidências de que meu estudo foi utilizado pela(s) empresa(s) para execução ou análise do processo de internacionalização” e recebeu quatro notas 1 = Discordo Totalmente, quatro notas 2 = Discordo Parcialmente, uma nota 3 = Nem Concordo, Nem Discordo, e uma nota 5 = Concordo Totalmente. Tendo em vista que mais de 70% dos autores responderam

que discordavam da sentença, seja totalmente ou parcialmente, há de se concluir que os mesmos não obtiveram provas concretas do uso das suas análises pelas empresas estudadas.

**Gráfico 17** – Respondentes que possuem evidências de que seu estudo foi utilizado pela(s) empresa(s) para execução ou análise do processo de internacionalização



**FONTE:** elaborado pela autora

Entre aqueles que deram notas 1 = Discordo Totalmente e 2 = Discordo Parcialmente estão autores que trabalhavam na empresa durante o período do estudo. Um deles justifica a escolha dessa nota afirmando que seu estudo serviu apenas para fins acadêmicos e que não chegou a compartilhar o mesmo com a empresa para sugerir melhorias e/ou trazer análises porque não trabalhava diretamente com o setor de internacionalização, e que decisões sobre o processo ficam reservadas a cargos de gerência. Outro autor que deu nota 1 = Discordo Totalmente à frase informou que seu estudo, além dos fins acadêmicos, tinha como objetivo servir de *benchmark* para internacionalização de outra empresa com a qual estava envolvido, mas que não tinha proximidade com as empresas estudadas para sugerir melhorias e/ou trazer análises. Em seu relato ele pontua:

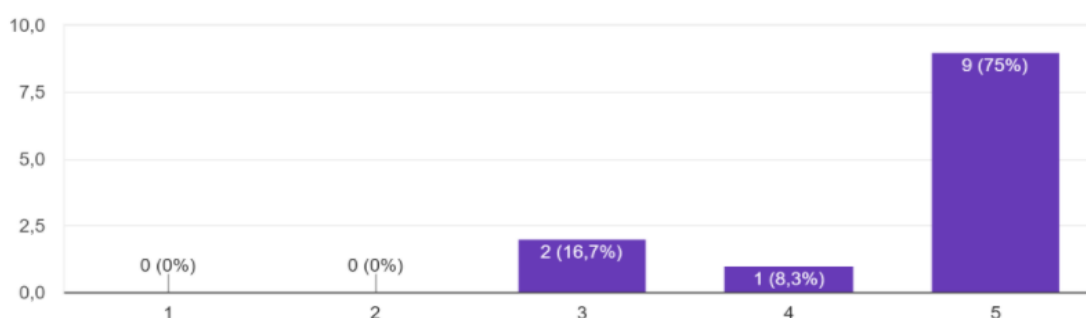
A monografia foi pensada para ser executada em uma empresa de TI aqui de Santa Catarina, que estava na iminência de internacionalizar. Naturalmente ela não foi estudada no trabalho, mas o resultado foi implementado nela. Não posso afirmar se em virtude da proposta desenvolvida na monografia, mas a empresa foi exitosa no processo de internacionalização e muito daquilo que foi apresentado no trabalho foi implementado na empresa. (Respondente 2)

Os autores que responderam com a nota 3 = Nem Concordo, Nem Discordo e a nota 5 = Concordo Totalmente não comentaram suas respostas. No entanto, há de se observar que o autor que deu nota 5 = Concordo Totalmente comentou em outra pergunta que a empresa que estava analisando estava em estágio inicial de internacionalização, e que o estudo tinha como propósito auxiliar nesse primeiro

passo. O autor também era um funcionário da empresa e após a realização do estudo foi efetivado e ainda trabalha na mesma. Dessa forma, entende-se que houve um acordo prévio entre a empresa e o autor, que também era funcionário da mesma, para utilização do estudo na análise do processo de internacionalização, e que esse interesse não partiu unilateralmente do autor.

Em consonância com as respostas apresentadas na pergunta anterior, a última pergunta do questionário pedia para avaliar a frase “Meu estudo serviu mais para o meu próprio aprendizado acadêmico do que para auxílio do processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s)”. Para essa pergunta, 75% dos autores responderam com 5 = Concordo Totalmente.

**Gráfico 18** – Respondentes que notaram que seu estudo foi mais útil para o seu próprio aprendizado acadêmico do que para auxílio do processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s)



**FONTE:** elaborado pela autora

#### 4.3 CONCLUSÃO PRELIMINAR

Após mapeamento e categorização dos estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis, chegou-se a uma amostra na qual predominavam estudos de Administração e Relações Internacionais, tanto de cursos de Graduação quanto de Mestrado e Doutorado, advindos na maioria da UFSC, e publicados, em grande medida, entre 2016 e 2019. Desses estudos, 57,1% tratavam de caso único e 42,9% multicaso. Ao total, foram analisadas 41 empresas de base tecnológica (EBT), das quais 26 preferiram não ser identificadas, mas que entre as citadas destacaram-se a Nanovetores, Agriness e Resultados Digitais com 3 estudos cada. De modo geral, as empresas de desenvolvimento de software foram as mais representadas entre as EBT estudadas.

Quanto aos métodos de extração de dados das empresas para elaboração dos estudos, a entrevista semiestruturada foi a mais utilizada. Os analistas foram o cargo mais entrevistado, mas também houve abertura por parte de funcionários de posição hierárquica maiores, como CEOs e Diretores, para realização das entrevistas. Quanto às teorias utilizadas, destacam-se as da Escola Nórdica, por conta da sua relevância na academia, e abordagem recente de *Born Globals*, por conta do perfil das empresas.

Na pesquisa com os autores, foi revelado que a maioria não teve dificuldade para buscar informações sobre o processo de internacionalização das empresas estudadas, e que metade dos respondentes também não teve dificuldade na escolha das teorias, utilizando-se principalmente das teorias do *mainstream* de estudos de gestão internacional para suas análises, e complementando com outras teorias mais recentes sobre particularidades do processo de internacionalização das EBT, como as *Born Global*. Quanto à percepção deles sobre a relevância dos seus estudos dentro das empresas estudadas, apesar de alguns estudos terem influenciado diretamente ou indiretamente o processo de internacionalização das empresas, observa-se que o maior beneficiário nessa produção acadêmica foi o autor. Ao final, diversos autores relataram serem ainda hoje funcionários das empresas estudadas, ou então trabalharem dentro do setor de internacionalização e tecnologia, como funcionários plenos de outras empresas ou como mentores, mostrando uma efetiva absorção deles neste mercado de trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral sistematizar e analisar as principais características dos estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica que fazem parte do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis. Para alcançar tal objetivo, buscou-se primeiramente mapear as principais teorias de internacionalização de empresas e revisitar a trajetória de formação do Polo Tecnológico e seus atores, para então realizar o efetivo mapeamento dos estudos de internacionalização e sua posterior análise.

As principais teorias sobre internacionalização foram tratadas através da divisão delas entre teorias de abordagem econômica, de abordagem comportamental e de abordagem *Born Global*. Ao total, tratou-se de sete teorias: Teoria de Poder de

Mercado de Hymer (1960), a Teoria da Internalização de Buckley e Casson (1976), o Paradigma Eclético (OLI) de Dunning (1988), Modelo de Uppsala de Johanson e Vahlne (1977), Teoria de Redes de Relacionamento de Johanson e Matsson (1987), Teoria do Empreendedorismo Internacional de Oviatt e McDougall (1994) e Andersson (2000), e Teoria das Born Global de Rennie (2003). No capítulo também buscou-se entender a efetiva aplicabilidade das teorias no contexto da internacionalização das empresas brasileiras, e, através da análise do estudo de Picchiali e Teixeira (2018), concluiu-se que o melhor manejo delas é evitar tentar encaixar o processo de internacionalização em uma teoria específica, e observá-las como complementares, ao invés de contrastantes.

Na análise da formação do Polo Tecnológico da Grande Florianópolis e o papel dos atores que o compõem, foi recapitulada a fundação das instituições de ensino superior, de pesquisa e fomento à inovação na região e no estado. Destacou-se também a formação dos habitats de inovação localizados na capital e arredores e o papel do governo na consolidação desse aparato institucional. Após, focou-se na relação universidade-empresa a partir de dois estudos de caso de empresas de software da região. Neste ponto, destacou-se o papel da universidade na formação de pessoal capacitado para o mercado de trabalho e desenvolvedora de pesquisa.

Alinhando a questão da internacionalização como uma das etapas para elevação da competitividade empresarial e a importância da relação universidade-empresa no Polo Tecnológico da Grande Florianópolis, foi feito o mapeamento de estudos sobre internacionalização de empresas de base tecnológica da região e sua posterior análise. Os principais pontos que retornaram foi a relevância da produção acadêmica da UFSC, das áreas de Administração e Relações Internacionais e da parceria com empresas como Nanovetores, Agriness e Resultados Digitais na execução desses estudos.

Buscando retornar características comuns entre os estudos e eventuais desafios dos autores, observou-se o uso das teorias da Escola Nórdica e de *Born Globals* como principal aparato teórico, e o uso de entrevistas semiestruturadas como principal método de extração de dados sobre os processos de internacionalização das empresas. Em pesquisa com os autores, metade teve dificuldade na busca de teorias adequadas, mas a maioria não teve dificuldade ao coletar informações das empresas.

A relação dos autores dos estudos com as empresas estudadas era na maioria das vezes por vínculo empregatício, e ao final da aplicação do questionário, muitos relataram estarem até hoje trabalhando na empresa estudada, ou então em outra empresa também no setor de tecnologia. Apesar de a maioria deles ter a percepção de que seus estudos não tiveram impacto direto no processo de internacionalização da empresa, observou-se a absorção dos mesmos pelo mercado de trabalho durante ou após a realização dos estudos.

Ademais, a qualidade dos estudos produzidos, com metodologias de coleta de dados reconhecidas no âmbito científico e o uso de teorias para análise aprofundada do processo de internacionalização, aponta para um desenvolvimento da relação empresa-universidade dentro do âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. Como próximos passos para futuros estudos, sugere-se aprofundar os desafios dentro dessa relação e compreender o porquê de as empresas não utilizarem os estudos elaborados para formulação das suas estratégias de internacionalização.

Por fim, ressalta-se que o objetivo desse trabalho foi identificar as características em comum dos estudos mapeados, mas destaca que há espaço para o desenvolvimento, em próximos estudos, de uma análise a respeito da efetiva aplicabilidade das teorias nos estudos elencados, que vá além da percepção dos autores, e que busque mensurar se o uso de estratégias baseadas nas teorias de internacionalização resulta num processo bem sucedido. Também destaca que outros referenciais teóricos além das teorias clássicas sobre os motivos para internacionalização, como por exemplo, teorias que tratam dos modos de internacionalização, podem ser utilizados para análises em futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ACATE. **Tech Report**. Florianópolis, 2020. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1Swjl-sAVXYgyPbXAd0ls3si\\_yQT2slHu/view](https://drive.google.com/file/d/1Swjl-sAVXYgyPbXAd0ls3si_yQT2slHu/view). Acesso em: 23 jan. 2021.

CARNEIRO, J.; DIB, L. A. **Avaliação comparativa do escopo descritivo e explanatório dos principais modelos de internacionalização de empresas**. InternexT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2007.

CITEB. **CENTRO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA DE BIGUAÇU**. Disponível em: <https://www.citebonline.com.br/citeb>. Acesso em: 30 maio 2021.

ETZKOWITZ, Henry. **Innovation in innovation: The triple helix of university-industry-government relations**. Social science information, v. 42, n. 3, p. 293-337, 2003.

GUNTHER, Nathan Esaú. **CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM SANTA CATARINA: A DINÂMICA DA GERAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

INAITEC. **Sobre | Inaitec Negócios de Impacto**. Disponível em: <https://inaitec.com.br/inaitec>. Acesso em: 30 maio 2021.

JOHANSON, J.; VAHLNE, J. **The internationalization process of the firm—a model of knowledge development and increasing foreign market commitments**. Journal of international business studies, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.  
JOHANSON, J.; MATTSSON, L. G. **Internationalization in industrial systems—a network approach**. v., n., p. 287-314, 1987.

Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI. **Parques & Incubadoras para o Desenvolvimento do Brasil: Benchmarking de Sistemas Internacionais de Inovação**. Brasília, 2015.

PICCHIAI, D.; TEIXEIRA, M. J. **As teorias comportamentais e econômicas nas estratégias de internacionalização de empresas**. Produto & Produção, v. 19, n. 3, p. 23-41, 2018

Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF. **Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico: Pólo Tecnológico**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=polo+tecnologico&menu=12><http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=polo+tecnologico&menu=12>. Acesso em: 23 jan. 2021.

RENNIE, M. W. **Born Global: A new breed of Australian firm shows that it is possible to succeed to world markets without established domestic base**. McKinsey Quarterly, v. 4, n. 11, p. 45-52, 1993.



SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. . **Acervo Digital da UDESC.** Disponível em: <https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. . **Repositório Institucional da UFSC.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. . **Repositório Universitário da Ânima (RUNA).** Disponível em: <https://riuni.unisul.br/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SARQUIS, Aléssio Bessa et al. **Empreendedorismo inovador no polo tecnológico de Florianópolis.** Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 229-255, dez. 2014. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/article/view/2609>. Acesso em: 23 nov. 2020

SILVA, Luciana Santos Costa Vieira da; CARIO, Silvio Antonio Ferraz; RUFFONI, Janaína. Interação universidade-empresa e capacidade de aborção em firmas de grande porte do setor de software de Santa Catarina. **Revista Econômica**, Niterói, v. 20, n. 1, p. 67-76, jun. 2018.

UNISUL. **Histórico da Unisul.** Disponível em: <https://www.unisul.br/institucional/historico/>. Acesso em: 30 maio 2021.

VIA. 2012. **Habitats de Inovação em Santa Catarina [mapa].** Acesso em: 20 set. 2021. Disponível em: <https://via.ufsc.br/mapas-da-via/>

### APÊNDICE 1 – Estudos selecionados

Título	Tipo de Publicação	Autor	Ano	Instituição	Área
O processo de internacionalização de empresas de base tecnológica: estudo em incubadoras e empresas incubadas na região da Grande Florianópolis.	Monografia	Garcia, Marinês	2019	UFSC	Ciências Econômicas
Estratégias de internacionalização: estudos de caso de empresas catarinenses	Artigo Científico	Bernardo Meyer, Victor Meyer, Joelma Martins Matos	2010	PUC-PR	Administração
Processo acelerado de internacionalização na perspectiva de open strategizing em contexto de país emergente e desenvolvido	Tese	Bellucci, Christiane Ferreira	2019	UFSC	Administração
O processo de terceirização de funções/atividades nas empresas Intelbrás SA e fábrica de rendas e bordados Hoepcke SA	Monografia	Carmem Rosana do Amaral Ferreira	2002	UFSC	Ciências Econômicas
Capacidades estratégicas voltadas para inovação: um estudo na empresa Softplan	Dissertação	Vargas, Sandra Martins Lohn	2012	Univali	Administração
Internacionalização de empresas de base tecnológica: um estudo sob a ótica da capacidade absorptiva e da inovação	Tese	Werlang, Nathalia Berger	2018	UFSC	Administração
O processo de internacionalização de empresas de base tecnológica do tipo born global: um estudo da Cheesecake Labs	Monografia	Machado, Mariana Cristina	2018	UFSC	Relações Internacionais
Internacionalização de empresas de base tecnológica: estudos de caso em empresas de Santa Catarina	Dissertação	Regis, Francine Barcellos	2011	UFSC	Administração
Internacionalização de empresas de base tecnológica do tipo Born Globals nos polos tecnológicos de Santa Catarina: estudo da internacionalização de empresas do ramo da Nanotecnologia.	Monografia	Fiorelli, Francis Souza	2017	UFSC	Relações Internacionais
Processo de internacionalização de empresas de software - um estudo de caso da empresa Agriness	Monografia	Coelho, Marcus Vinicius	2018	UNISUL	Relações Internacionais
O processo de internacionalização de uma empresa de tecnologia: o caso da Neoway Business Solutions	Monografia	Souza, Lucas Goedert de	2019	UFSC	Administração

A internacionalização como instrumento de planejamento Estratégico das empresas de alta tecnologia: um estudo de caso da nanovetores S.A	Monografia	Freitas, André Genovez de	2016	UFSC	Relações Internacionais
Proposta de internacionalização de pequena empresa de software	Monografia	Bernard, André Peressoni	2016	UFSC	Sistemas de Informação
Internacionalização de empresas de serviços e Software as a Service: o caso Contentools	Monografia	Taglietti, Lucas Webber	2016	UFSC	Relações Internacionais
O papel do marketing no processo de internacionalização de empresas de TI: Estudo de caso da Resultados Digitais	Monografia	Silva, Júlia Martinson de Andrade	2020	UFSC	Relações Internacionais
Internacionalização de empresas SaaS: um estudo de caso da RD Station na Colômbia e no México	Monografia	Manganotti, Vinicius	2021	UFSC	Relações Internacionais
Modelo de internacionalização de empresas software as a service : um estudo multicasos de um polo tecnológico no Brasil	Dissertação	Baranova, Julia	2019	UDESC	Administração
Proposta para o aprimoramento dos processos de colaboração com fornecedores chineses: estudo em uma indústria brasileira de eletrônicos	Dissertação	Tirolli, Camila Fadel	2018	UDESC	Administração
Análise de modelos de marketing internacional: estudo de caso em uma empresa de tecnologia	Monografia	Castro, Mateus Espíndola de	2009	UFSC	Administração
O papel das incubadoras de negócios na internacionalização de born global: estudo de caso da Nanovetores S.A. na incubadora CELTA	Monografia	Nesello, Natasha Lee Thomas	2017	UFSC	Relações Internacionais
Análise de métodos de global sourcing: Estudo de Caso da Intelbras	Monografia	Dias, Dhiego do Nascimento	2013	UNISUL	Relações Internacionais

**FONTE:** elaborado pela autora (2021)

## APÊNDICE 2 – Questionário com autores dos estudos selecionados

### Antes da elaboração do estudo...

1. Qual era a sua relação com a(s) empresa(s) estudada(s)?

- Eu trabalhava na empresa
- Eu era próximo de pessoas que trabalhavam na empresa (amigos, familiares, namorados...)
- Eu não trabalhava na empresa nem conhecia alguém que trabalhasse na empresa, mas conheci a empresa através do meio acadêmico
- Eu não trabalhava na empresa nem conhecia alguém que trabalhasse na empresa, mas conheci a empresa através do mercado
- Outros...

2. Por que você escolheu esta(s) empresa(s) para o estudo?

3. Utilize esse espaço para compartilhar mais algum detalhe sobre sua relação com a(s) empresa(s) estudada(s) antes do período do estudo:

### Durante o período do estudo...

4. Você teve dificuldade para acessar as informações sobre o processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s)?

- Sim
- Não

5. Se sim, qual foi a maior dificuldade? (Ex: Falta de informações públicas sobre o processo de internacionalização da(s) empresa(s), dificuldade para contatar a equipe responsável e/ou a liderança do processo de internacionalização da(s) empresa(s)...) )

6. Quais estratégias você utilizou para contornar essa dificuldade?

7. Você teve dificuldade ao escolher a(s) teoria(s) para análise do processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s)?

- Sim
- Não

8. Se sim, qual foi a maior dificuldade? (Ex: A(s) empresa(s) estudada(s) não se assemelhavam as empresas utilizadas para formulação da teoria escolhida para análise por conta da área de atuação ou país onde ela foi produzida, a(s) teoria(s) que melhor se encaixava(m) com a(s) empresa(s) estudada(s) eram muito antigas...)

9. Quais estratégias você utilizou para contornar essa dificuldade? (Utilizou outras teorias não mainstream para complementar...)

10. Utilize esse espaço para compartilhar mais algum detalhe sobre sua relação com a(s) empresa(s) estudada(s) durante o período do estudo:

**Após o período do estudo...**

Classifique as frases a seguir segundo sua experiência com a(s) empresa(s) estudada(s)

11. Mantive algum tipo de contato com a(s) empresa(s) estudada(s) ou com os funcionários de lá após a realização do estudo

Discordo Totalmente 1 - 2 - 3 - 4 - 5 Concordo Totalmente

12. Tenho evidências de que meu estudo foi utilizado pela(s) empresa(s) para execução ou análise do processo de internacionalização

Discordo Totalmente 1 - 2 - 3 - 4 - 5 Concordo Totalmente

13. Meu estudo serviu mais para o meu próprio aprendizado acadêmico do que para auxílio do processo de internacionalização da(s) empresa(s) estudada(s)

Discordo Totalmente 1 - 2 - 3 - 4 - 5 Concordo Totalmente

14. Utilize esse espaço para compartilhar mais algum detalhe sobre sua relação com a(s) empresa(s) estudada(s) após o período do estudo: